

GEOGRAFIA HUMANA DO BRASIL

Pelo Prof. P. Deffontaines
da Universidade do Distrito Federal

CAPÍTULO II

O EFETIVO HUMANO E SUA DISTRIBUIÇÃO

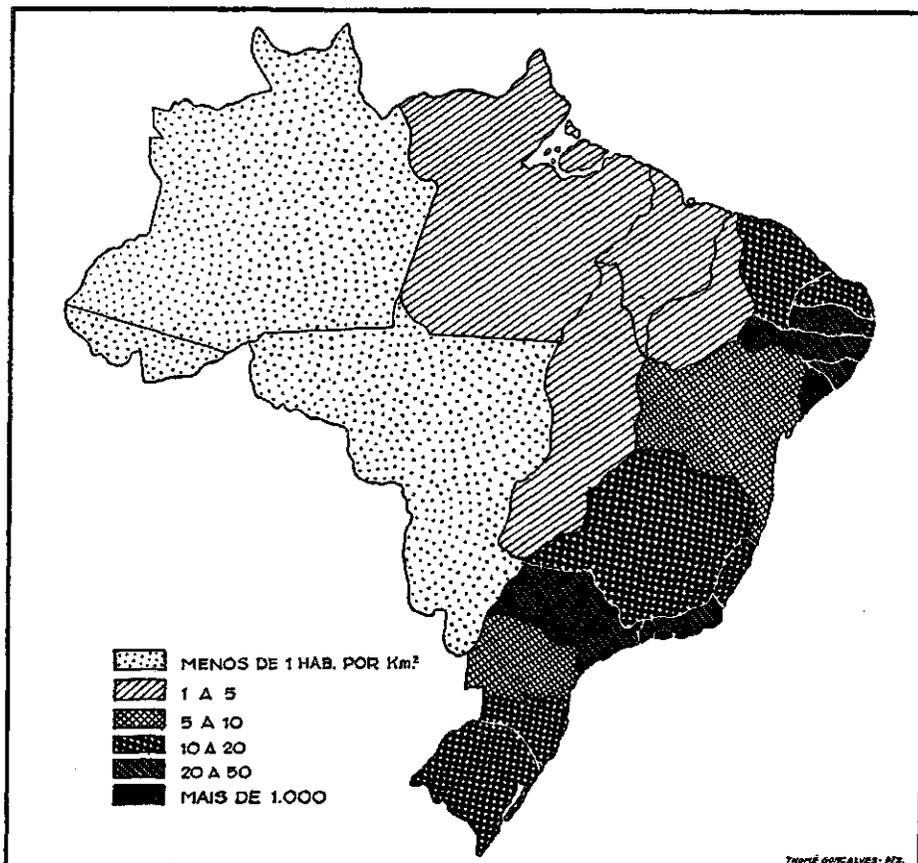
O efetivo humano Em poucos lugares do mundo a natureza se nos apresenta tão pujante e extensa como o Brasil, imenso campo de batalha, onde os homens tiveram de lutar contra tantos elementos hostis, conforme acabamos de ver em suas várias fases de luta.

Que criaturas são essas que humanizaram progressivamente o solo brasileiro? Qual é o seu número? Desde quando estão aplicadas à obra humana?

O efetivo humano deve ultrapassar um pouco os 40.000.000; o último recenseamento, efetuado em 1920, revelou 30.635.000; os algarismos apresentados desde então são meras avaliações matemáticas; prepara-se novo recenseamento para 1940.

O Brasil é, pois, o país de maior população da América do Sul e só superado em toda a América pelos Estados Unidos.

A densidade da população é pouco superior a 5 habitantes por Km², coeficiente este que representa apenas a média e está longe de corresponder à realidade da distribuição demográfica.



Distribuição da densidade demográfica brasileira, vendo-se o contraste entre o litoral e o oeste e noroeste

As densidades mais elevadas são ocorrentes nos Estados do litoral; mais de 50 habitantes por Km² no Estado do Rio de Janeiro, cêrca de 30 e 40 em alguns pequenos Estados do Nordeste (Alagoas com 43); a zona litoral do Estado de Pernambuco tem uma densidade avaliada em 137 habitantes por Km² (21 municípios teem de 100 a 300 habitantes por Km²).

Essas regiões foram as primeiras colonizadas, onde se desenvolveu a antiga exploração por meio das plantações, para as quais se recorreu à mão de obra indígena, a princípio, e logo depois ao braço dos negros importados da África. Concentrou-se assim nesta franja litoral, quente, úmida e de florestas, um contingente de homens arrotinados à antiga economia agrícola, em estagnação desde a abolição da escravatura e hoje em via de transformação.

Nos altiplanos interiores existem também alguns pontos de densidade mais elevada. A zona montanhosa do centro e sul de Minas atraiu cedo uma população numerosa, de brancos e negros, para a extração de metais preciosos; após a decadência das minas, os habitantes se espalharam enchendo a região das fazendas de extensão média, praticando uma espécie de policultura que lhes permitia viver em economia quasi fechada. Mais ao Sul, os planaltos do Estado de São Paulo se povoaram mais recentemente, porém com mais rapidez. Enquanto as outras regiões, após as primeiras vagas de povoamento do Século XVIII, cresciam por seu próprio desenvolvimento, sem nova imigração, o Estado de São Paulo recebia, na segunda metade do Século XIX, um afluxo enorme de imigrantes vindos da Europa, sobretudo da Itália, cuja introdução era exigida pela rápida expansão das fazendas de café.

Diversas fórmulas demográficas

Por isso, as diversas partes do Brasil apresentam fórmulas demográficas bem diferentes. Enquanto que o planalto central, de Minas Gerais, dispõe de um povoamento antigo (Século XVIII) e crescente espontâneo de 2.100.000 em 1876 a 7.900.000 em 1935, por simples excedente de nascimentos, aliás considerável, quasi sem emigração e sem imigração, verdadeiro baluarte demográfico, o Nordeste brasileiro, já povoado no século XVII, apresenta também um crescimento por simples desenvolvimento, sem imigração, mas o aumento é menos rápido (1.379.000 em 1872 e 4.203.000 em 1935, para a Baía), porque uma emigração acentuada, sobretudo nos anos das grandes sêcas, torna mais lento o crescimento normal. A zona meridional, nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, servida por clima temperado de taboleiros altos e solo rico, apresenta um crescimento extremamente rápido, proveniente, sem dúvida, de uma forte natalidade, mas sobretudo do afluxo de imigrantes europeus e também de brasileiros dos outros Estados. O Estado do Rio Grande do Sul, quasi despovoado até 1850, não contava ainda 446.000 habitantes em 1872; entretanto, ultrapassa hoje 3.000.000 de habitantes, o que significa a triplicação da população em três gerações.

Em relação às vastas regiões do interior do Brasil — Mato Grosso, Goiás e Amazonas — são regiões que esperam ainda seu povoamento e, na maioria dos casos, não dispõem de um habitante por quilômetro quadrado; as suas possibilidades de futuro são consideráveis, mas tudo depende das facilidades de comunicação.

E' curioso constatar que a zona litoral onde a colonização é a mais antiga, apresenta uma situação demográfica muito especial: constitue hoje uma verdadeira zona de despovoação, ao menos para os campos e as pequenas aglomerações. O número de fazendas abandonadas e de cidades mortas, cheias de ruínas, é considerável. As estatísticas não

acusam, no entanto, esta decadência porque nesta zona desenvolveram-se enormes organismos urbanos modernos, que concentraram em seus portos toda a atividade comercial das regiões respectivas. Assim, o Rio de Janeiro, Niterói, Santos e Vitória, cidades com crescimento muito rápido, acham-se cercadas por campos mais ou menos desertos ou abandonados, como a "baixada fluminense", nos arredores do Rio. Felizmente trabalhos recentes de secagem e novas culturas (bananas, laranjas) assinalam o início de um novo surto na baixada do Rio de Janeiro.

Os personagens-tipos

A definição humana de uma região é dada não tanto pela repartição da população ou por distribuições étnicas, mas, sobretudo, pelo conhecimento dos gêneros de vida, cuja associação íntima assegura a exploração do solo.

Esses gêneros de vida encontram sua expressão em personagens tipos cuja enumeração ocupa o primeiro lugar na caracterização de cada região. Existe muitas vezes um personagem dominante que determina na região toda a série das ocupações e o regime de trabalho, e cujos hábitos e necessidades se inscrevem na própria paisagem; os outros personagens gravitam-lhe em torno, alguns mesmo vivem como parasitas. As transformações econômicas fazem surgir, às vezes, novos tipos que se podem libertar da influência do personagem dominante e modificar, assim, a hierarquia social anteriormente constituída. Os personagens de uma região não apareceram todos ao mesmo tempo; há alguns muito antigos e outros mais recentes; pertencem a ciclos econômicos distintos e é necessário pesquisar-lhes a idade.

No Brasil, o personagem dominante, que é ao mesmo tempo o mais antigo, é o "fazendeiro", isto é, o proprietário de uma fazenda ou grande cultura. Havia sem dúvida, bem antes da chegada dos brancos, populações indígenas autóctones, pouco abundantes, no máximo um habitante por três quilômetros quadrados, que foram além disso reagrupadas, transformadas e mesmo dizimadas pelos primeiros colonos. Ao inverso do que se passou na América andina, os antigos povoamentos indígenas não serviram de guia aos estabelecimentos dos brancos. Houve corte, hiato na história do povoamento.

Os índios foram, com efeito, concentrados nas plantações da costa atlântica; habituados a uma economia de simples colheita, que não exigia maior esforço, não puderam suportar o regime de trabalho que lhes era imposto como plantadores, e praticaram então o que se chamou cinicamente a "greve da morte"; foi, entretanto, o trabalho pesado que os europeus costumam suportar e impôr que provocou a imensa hecatombe das populações indígenas. O fato é que não há no Brasil mais de um milhão e meio de índios para uma população de mais de 40 milhões de habitantes e, além disso, ficaram relegados, com o nome de "bugres", para as regiões mais inacessíveis, notadamente no Sul da bacia do Amazonas. Aqui não se apresenta pois questão indígena, tal como se verifica por vezes gravemente nos países da América Espanhola.

O primeiro esforço do fazendeiro consistiu no açambarcamento da terra; impressiona-nos a importância desta apropriação. Num país tão vasto, tão pouco habitado, esperar-se-ia encontrar imensas extensões sem dono, pertencentes ao domínio público do Estado; isso, porém, não se dá, e até as zonas de florestas do Amazonas teem proprietários, existindo fazendas unicamente florestais; as terras devolutas, isto é, os bens sem dono, pertencentes ao domínio público, são pouco importantes e isto explica a fraca influência da colonização oficial sobre a terra livre. Seria interessante retrazar a história dessa imensa imobilização da terra pelos primeiros colonos; seu direito de propriedade deriva — ora de con-

cessões outorgadas pelo soberano, sob o antigo nome de "sesmarias", ora de simples posses de fato, reconhecidas com muita facilidade por decretos, ora por compras, mediante títulos mais ou menos falsificados, a primitivos proprietários mais ou menos ilusórios ("grilos").

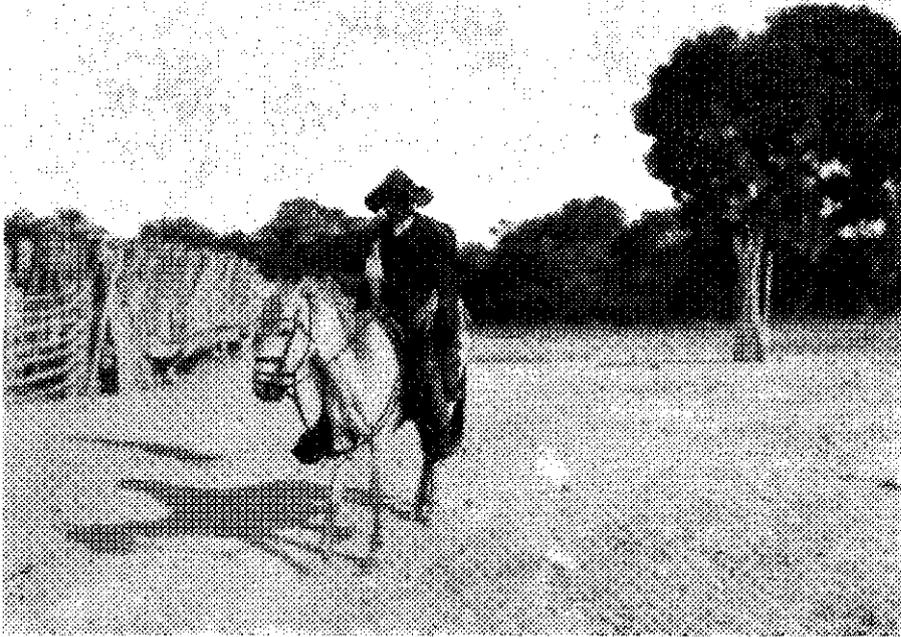
As fazendas Cedo o nome de "fazenda", isto é, empresa, se aplicou a todas essas propriedades iniciais. O fazendeiro é sempre, portanto, um grande proprietário, mas não é necessariamente o mais influente aquele que possui o maior domínio; a importância do fazendeiro depende do modo de utilização da fazenda.

Pode-se distinguir dois tipos principais: o primeiro apareceu ao longo da costa, na zona florestal, quente e úmida (zona da mata) e aplicou-se à produção das plantas exóticas, por muito tempo as únicas cultivadas nas colônias, cana de açúcar, tabáco, café, cacau, algodão, segundo as localidades e as épocas — é a fazenda de plantação; o segundo tipo está ligado à criação do gado e instalou-se nos planaltos mais secos e mais salubres do interior. É um dos fenômenos mais importantes e mais graves de consequências esta separação radical da cultura e da criação, que se encontram extremamente associadas na vida agrícola dos países temperados.

A antiga fazenda de plantação compunha-se de três elementos: Primeiro, a casa do dono, "casa grande" ou "sede", espécie de castelo quadrangular, de um andar só, colocado simplesmente sobre um "porão". A luta contra o sol e o calor não se faz aqui pela disposição do pátio interior; o "patio" espanhol, tão frequente na América Andina, não existe aqui, mas a casa é cercada por largas galerias decorativas, formando arcadas umbrosas, onde se instalam as redes para a sesta. A América Espanhola distingue-se bem da América Portuguesa pelo tipo da habitação. A moradia do fazendeiro é frequentemente muito luxuosa, mas de um luxo familiar; a peça típica é a imensa sala de jantar, pois a família é numerosa e a hospitalidade largamente praticada. No jardim, traçado à francesa, com magníficos tufo de begônias e "bougainvilles", encontra-se uma piscina de mosaico, de que o fazendeiro se orgulha especialmente. Mais abaixo encontra-se o segundo elemento da fazenda, são as construções para beneficiar os produtos; enorme terrasso com largos degraus para secar o café, chamado "terreiro", ou secadores de cacau, de mandioca, moendas de açúcar, com o nome de "engenhos", alambiques para a fabricação do álcool. Por fim, mais abaixo ainda, localiza-se o terceiro elemento da fazenda de plantação, o alojamento da mão de obra agrícola, outrora composta de escravos, que eram abrigados, para facilidade de fiscalização, em construções apertadas umas contra as outras em torno de um pátio fechado: a "senzala".

A fazenda de gado é completamente diferente; o dono não mora sempre nela e a moradia tem pouca aparência; o pessoal nunca está agrupado, mora em cabanas muito afastadas uma das outras, colocadas junto de uma espécie de quadrado de troncos de árvores formando palissada: é o "curral", onde é reunido periodicamente o gado para marcá-lo, tratá-lo e selecioná-lo para a exportação; essas pequenas habitações chamam-se "curralinhos" ou "retiros" e abrigam os campeiros, isto é, homens do campo. Campo, no Brasil, significa não a cultura, mas a zona de relva, o prado, como se diz na América do Norte.

É também pela situação que esses dois tipos de propriedades diferem: nas fazendas de plantação procura-se para as construções uma rampa bem exposta porque a maioria dos produtos que exigem operações de secagem tem necessidade de terrassos de insolação. Sem dúvida os raios solares, nessas latitudes, são na maioria dos casos perpendiculares, mas as colheitas se fazem frequentemente no inverno, sobre-



Tipo de vaqueiro do Nordeste, com sua indumentária de couro

Foto S. FRÓIS ABREU

tudo em relação ao café, e a obliquidade dos raios solares é então bastante sensível para que se deva procurar uma rampa bem exposta, um "soalheiro", isto é, voltado para o Norte, visto como nos achamos no hemisfério Sul. Além disso, a rampa permite ao fazendeiro vigiar o trabalho de suas colheitas, que são sempre produtos de exportação de alto valor; sua casa fica no alto da rampa, acima do terreiro. A utilização de uma vertente torna também mais fácil o emprêgo das águas, não para irrigar, mas para as lavagens e mesmo o transporte dos grãos para secar; a condução do café faz-se, na maioria das vezes, em regos de água corrente

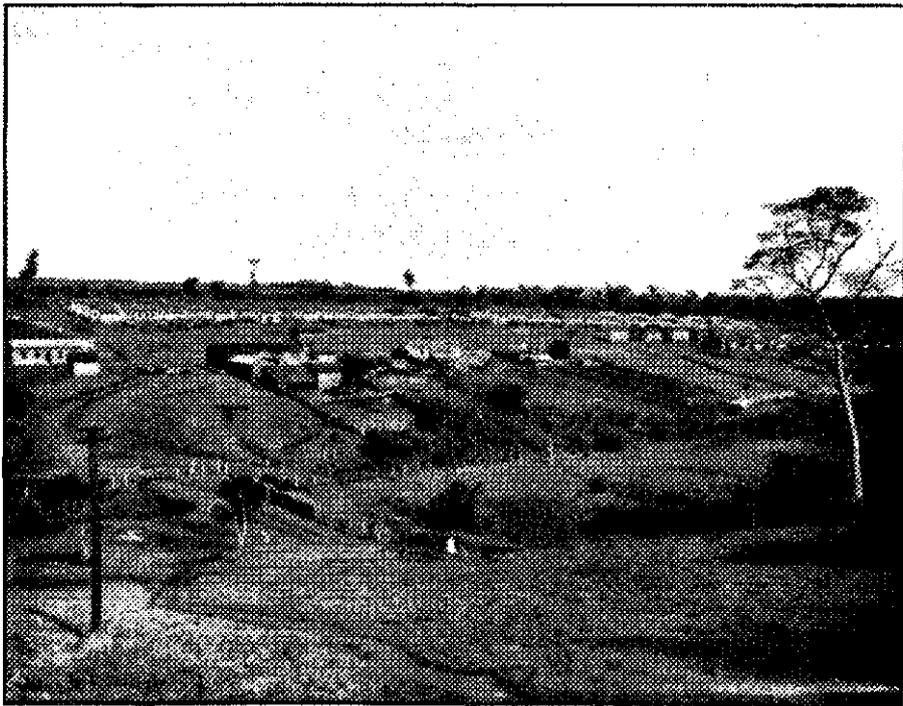
A fazenda de gado deve atender a condições muito diversas; o grande problema para ela não reside na exposição solar e sim na delimitação; é preciso evitar que os imensos rebanhos se dispersem pelo sertão. Procura-se por isso apoiar as propriedades em cursos d'água; os sítios privilegiados são os promontórios, na confluência de dois rios, o "pontal". As mais antigas criações de gado foram fazendas de "pontal", começando a apropriação pelas confluências. Ainda hoje acontece que essas propriedades não suportam as despesas com a cerca de arame senão de um lado só. Em algumas regiões, nos sertões do Nordeste notadamente, as fazendas de gado não possuem limites precisos, o gado pasta em liberdade em campos que se chamam "campos gerais"; o fazendeiro é menos um proprietário de terra do que de uma certa *marca*, que se faz nos animais com ferro em braza, ou pela incisão da orelha.

A supressão da escravatura não transformou o regime da fazenda; trouxe apenas mudanças de detalhes; em vez de alojar os trabalhadores em senzalas grupadas em torno de pátios fechados, construíram-se verdadeiras cidades operárias rurais, com casas separadas, alinhadas, todas iguais: é a "colônia", que substituiu a senzala.

O colono é um personagem que gravita em torno da fazenda de café no Estado de São Paulo; não é, como seu nome poderia fazer su-

por, um homem que se vem instalar em terra livre, mas um operário aliciado pelo fazendeiro, que o foi buscar até nos mercados europeus, na Itália meridional notadamente. O fazendeiro confia-lhe a direção de um certo número de pés de café, tendo êle direito a uma parte da colheita; recebe tantos pés a mais quantos filhos tem; por isso tem o colono quasi sempre uma família numerosa. Concede-se-lhe igualmente terras para suas próprias culturas e para seu gado particular; contudo êle permanece nômade na maioria dos casos, indo de fazenda em fazenda, constituindo antes um proletariado rural do que classe de camponeses.

Esta instabilidade do colono é um testemunho de seu desejo de adquirir terras, de se fixar em um lote, tornar-se "lotista"; o açambarcamento do solo pelo fazendeiro torna, porém, esta aquisição da propriedade muito difícil. A maioria dos grandes proprietários só explorava no entanto parte de sua propriedade, composta de florestas e campos que abrangiam, muitas vezes, mais de metade do domínio. Há assim muitas terras inexploradas ou antes mantidas como reserva pelos fazendeiros que não se querem desfazer delas, dada a pouca duração da fertilidade e a necessidade frequente de deslocar as zonas cultivadas. Por isso, é difícil de ser saciada a sêde de terra que é grande entre os pe-



Casas de colonos numa fazenda de café em São Paulo

"COLEÇÃO" D. DE C.

quenos cultivadores, apesar da imensidade do Brasil. Nota-se aqui uma das diferenças essenciais entre o Brasil e os Estados Unidos, onde o regimen do "homestead" facilitou à gente humilde a aquisição da terra e permitiu uma verdadeira colonização livre. Para encontrar terreno livre no Brasil, os colonos procuram se aproximar da linha de desbravamento, onde podem comprar lotes, ainda virgens, oferecidos à baixo preço pelas companhias de colonização. No Estado de São Paulo,

é por verdadeiras vagas que a gente humilde se dirige à linha de desbravamento e a densidade de população aí se eleva por saltos bruscos, como que constituindo saliências demográficas, que se atenuam desde que a região deixa de ser a vanguarda da colonização. A linha de desbravamento, bastante descontínua, aliás, atrai a si o proletariado das antigas fazendas.

Fundação das cidades (*)

Fazendeiros e colonos levam nas propriedades uma vida essencialmente rural. As necessidades de comércio e de convívio social determinaram contudo a criação de curiosos tipos de aglomerações. Se o Brasil não conhece a forma aldeia, possui contudo inúmeras pequenas cidades que se encontram no interior, separadas por uns quinze a vinte quilômetros em média. Mas neste país essencialmente rural, a cidade foi, durante muito tempo, um anexo à fazenda. A maioria dessas cidades é obra dos fazendeiros; a necessidade de vida social incitou-os a se tornarem fundadores de cidades. O método seguido era quasi sempre o mesmo: para constituir um núcleo urbano, o proprietário fazia doação ou legado de uma porção de terreno à igreja católica na pessoa do bispo mais próximo ou de um santo do calendário brasileiro, que se tornava por este fato proprietário desta doação piedosa chamada "patrimônio". Este terreno era dividido em lotes de habitações em torno de uma grande praça, no fundo da qual deveria ser construída uma igreja ou capela, conforme fosse ou não servida por um padre. Os fazendeiros dos arredores alugavam ou compravam esses lotes para nêles construir residências ou palacetes; para lá se dirigiam aos domingos e dias de festa, afim de assistirem aos officios religiosos e levar ali uma vida de ostentação e de convívio social. Com os proventos das vendas construía-se a igreja. O essencial da aglomeração era a praça, ou "largo", em que por vezes quasi se resumia a localidade, que com o nome de praça era conhecida. Para muitas dessas pequenas aglomerações é costume dizer-se "ir à praça" e não "ir à cidade". Os fazendeiros tinham duas habitações: casa da fazenda e casa da praça. Essas cidades só tinham atividade, e mesmo habitantes, aos domingos; eram, por assim dizer, cidades dominicais, "vilas de Domingo".

Em breve, artífices e representantes das profissões liberais, instalavam-se nas ruas adjacentes, sempre dispostas em xadrez. O patrimônio, dado primitivamente pelo fazendeiro, tornava-se então insuficiente e novos lotes urbanos deviam ser adquiridos da propriedade vizinha, que, por esse fato se valorizava.

O legado piedoso do proprietário transformava-se assim num bom negócio para êle, porque algumas dessas fundações se tornaram grandes cidades, como Campinas, Ribeirão Preto e Sorocaba, no Estado de São Paulo. É verdade que em nossos dias muitas dessas pequenas cidades de patrimônio se acham em decadência, visto como a maior facilidade dos meios de comunicação deslocou e concentrou os núcleos de vida social para cidades maiores e, em consequência, os fazendeiros construíram seus palacetes nas grandes cidades, como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Ribeirão Preto. Na cidade de São Paulo há bairros de palacetes, como Higienópolis, Jardim América... As grandes cidades cresceram rapidamente, prejudicando as pequenas, cujos palacetes caíram em semi-abandono.

(*) Sobre formação de cidades brasileiras, o autor tem publicado outros estudos mais completos em revistas (N. R.).

Esta colonização urbana, múltipla e difusa, de fundo religioso, lembra os “bastides” ou “sauvetés” da Idade Média na Europa, em que a igreja prestigiava com seu poder de atração a criação dessas cidades. No Brasil, o campanário grupou não aldeias ou paróquias, mas pequenas cidades, onde a igreja é mais urbana do que rural.

O comércio ambulante Essas cidades, a bem dizer, mau grado sua multiplicidade, não beneficiavam senão uma parte mínima da vida de comércio, difícil de se organizar no Brasil devido ao povoamento rural totalmente disperso. O pequeno comércio de varejo não encontrava núcleo onde se fixasse, por isso foi forçado a adotar vida ambulante em busca da população dispersa.

Encontram-se hoje as mais variadas e mais modernas formas de negócio nômade. Há cinemas ambulantes, dentistas ou médicos que circulam montados em mulas ou num “Ford”, atendendo a clientela.

Este negócio ambulante parece uma adaptação muito antiga ao povoamento disperso. O mascate, depois do fazendeiro e do colono, é a figura mais típica do interior brasileiro. É um velho nome que se aplica a todos êsses mercadores, pois “mascatear” quer dizer mercadejar. Convém lembrar que esta palavra deriva da Cidade de Mascate, na Arábia. Era com efeito uma cidade de mercadores que traficavam com as Índias na época em que êste país dependia, como o Brasil, da corôa portuguesa.

Foram os habitantes da Baía, outróra a cidade mais povoada e cheia de gente humilde, em busca de recursos, os descobridores do horizonte de trabalho que representava a ausência de comércio em todo o interior do Brasil; os baianos fizeram-se assim os primeiros mascates do período colonial.

Na segunda metade do século XIX, sobretudo a partir de 1880, quando se organizou a colonização do Estado de São Paulo por meio da fazenda de café, com suas numerosas vilas rurais povoadas por trabalhadores italianos, o campo de ação dos mascates alargou-se consideravelmente, tanto mais que o colono procurou libertar-se das compras nos armazens do fazendeiro que o individavam e o tornavam dêle dependente. Os mascates representavam uma feliz concorrência à venda pelo patrão e muitas vezes, verdadeira liberação. Nessa época, eram os próprios italianos que exerciam esta atividade, sobretudo calabreses, os quais já a desempenhavam em sua pátria.

Uma terceira onda de mascates apareceu um pouco mais tarde: os sírios, sobretudo maronitas, negociantes inveterados, que, perseguidos pelo regime turco por motivo de crenças religiosas, se espalhavam pela Europa como bufarinheiros desde há muito tempo; descobrindo por 1885-90 o Brasil e suas condições favoráveis ao comércio ambulante, aqui aportaram em grande número e, graças às suas qualidades hereditárias, açambarcaram em breve grande parte do pequeno comércio. Mantinham entre si uma solidariedade íntima, que triunfou em toda concorrência.

Os mascates sírios viajam habitualmente em grupos de dois, em parte devido à insegurança de certos logares do interior, mas sobretudo para facilitar suas operações que exigem às vezes um comparsa. Aproveitavam a hospitalidade proverbial do brasileiro, alojando-se e comendo na casa dos moradores locais, aliás sem convite, porque é da tradição, que “mesa e pouso estejam franqueados ao viajante”. Viajavam a pé, carregando sua caixa, — o baú dos mascates, — cheia de pacotinhos, e atraíam os compradores mediante um estalar de castanholas.

Assistiam às festas religiosas e expunham suas mercadorias em público; com prática de comércio, êles foram não só vendedores de todos os produtos e notadamente sal, fazendas de algodão, barretes, meias, como também se tornaram bons compradores, praticando muitas vezes uma espécie de permuta, dada a raridade da moeda no sertão e em troca de alguns objetos, recebiam gado, arroz, aguardente de cana, e até metais preciosos ou borracha. Os mascates não temiam, com efeito, abordar os recantos mais longínquos onde a cultura ainda se iniciava, zona de pesquisadores de ouro ou de diamante de Goiás (garimpeiros),



Antiga estrada de mares, construída no século XIX

FOTO DEPARTAMENTO DE PROPAGANDA DO BRASIL

e região dos seringueiros de borracha do Alto Amazonas. Nessas regiões, não viajavam mais a pé e sim de barco ou de jangada, curioso mascateamento fluvial, que infiltrou, até às mais longínquas culturas, nas cabeceiras dos rios, uma certa vida de comércio. Frequentemente eram êles os únicos a se beneficiarem das riquezas novamente descobertas; garimpeiros e seringueiros gastavam seus proventos quasi instantaneamente em futilidades; a venda de joias, frequentemente falsas, era um dos negócios mais lucrativos.

O ofício tinha seus riscos, mas levava cedo o homem à prosperidade. Logo que colhia proventos suficientes, o mascate deixava de viajar a pé e comprava uma mula; em breve adquiria uma caravana de mulas para seu serviço; hoje, no Estado de São Paulo, onde, desde 1920, as rodovias se multiplicam, êles circulam em pequenos caminhões bem afreguezados.

Mas o sonho de todo mascate é deixar sua vida nômade e estabelecer-se, abrir uma dessas lojas-bazares onde se vende de tudo — especiarias, mercearia, café, etc. — chamadas “venda” ou “armazem de sêcos e molhados”. É a segunda etapa da vida do mascate, instalado geralmente não em povoados, mas em pleno campo, entre as fazendas, num ponto de passagem obrigatória e frequente.

Por vezes a “venda” se torna um verdadeiro centro de comércio; o proprietário faz vir outros compatriotas estreantes que vão vender nos

arredores, a pé, com seus baús e asseguram assim uma irradiação maior à "venda". O patrão enriquecido desempenha na região o papel de banqueiro, fazendo empréstimos com usura. A "venda" é um verdadeiro centro de atividade, permanece contudo isolada, sem criar um burgo em torno de si, comprovando com isso a hostilidade local à aglomeração.

Se os negócios continuam a prosperar, o mascate passa a uma terceira fase, vem para alguma das grandes cidades para abrir loja ou mesmo fundar manufatura; em São Paulo a recente indústria textil foi, numa boa proporção, criada por sírios. A bela rua 25 de Março é pelos mesmos em parte habitada.

O Caboclo Fazendeiro, colono e mascate, constituem o que se poderá chamar a população do interior organizado. Há outros elementos, porém, que vivem à margem, além das regiões de desbravamento, no sertão; chamam-nos "caboclos" ou "caipiras"; são em geral mestiços em que os sangues branco, índio e negro, se misturam em proporções variadas.

O caboclo recua ante o avanço da linha de desbravamento. Muitos, no entanto, permaneceram no interior da zona civilizada, nos pontos que não são ocupados ou naqueles que a exploração européia abandonou, após a depreciação do solo e a decadência das fazendas. Isto equivale a dizer que são numerosos na zona do litoral, a que foi colonizada primeiro e que hoje está sendo abandonada. É comum encontrar-se antigos fazendeiros desta zona que se "caboclizaram", segundo a expressão local. Conhecemos no pequeno pôrto de Ubatuba um descendente de antigo plantador francês do século XVIII, que tinha o nome de René Vignerón de la Juslandière; estava vestido como caboclo, de pés descalços, com calça curta que mal caía abaixo do joelho, com paletó de mangas curtas indo pouco além do cotovelo. A cabeça estava coberta pelo invariável chapéu mole, saído, como as outras partes do vestuário, dos resíduos mais sórdidos dos armários das grandes cidades.

O caboclo leva vida livre, quasi sem necessidades, mas sem capacidade aquisitiva e até sem moeda, praticando uma agricultura primitiva, quasi florestal, onde campo e floresta se entremeiam. A base de sua alimentação é a mandioca; êle pratica sobretudo a colheita, apanhando frutos do mato e mel silvestre; pratica a caça "ao pio", isto é, imitando os gritos dos pássaros e chamando-os a si; sua casa é uma cabana coberta de palhas ou de ramagens. Bastam-lhe algumas horas de trabalho por semana para assegurar sua subsistência. O caboclo vive fora da atividade econômica. Sua simplicidade não significa miséria; é contemplativo, musicista, dansador e, sobretudo, narrador; sua verve cheia de bonhomia é proverbial e congênita; entre êles há uma literatura de interior onde um Molière brasileiro encontraria matéria saborosa, já explorada pelo curioso teatrinho do Rio, a "Casa do Caboclo".

O Caiçara Ao longo da costa atlântica, o caboclo torna-se pescador, porém, ligado à floresta, é o "caiçara"; vive do mar e da floresta virgem, com que está em contacto direto: frutas, bananas, mandioca, peixes, constituem a sua alimentação. Não mora mais em casas isoladas e perdidas na mata, longe de qualquer ente humano, como o caboclo, mas se agrupa em pequenas aldeias, alinhadas ao longo das praias, em terrenos de marinha, sem onus de contribuição alguma; procura os golfos profundos e enseadas abrigadas dos ventos de léste e da vaga atlântica.

A unidade de agrupamento é aqui a rede de pesca, que exige para seu manejo o concurso de dez barcos, correspondente a 8 ou 10 famílias, 8 ou 10 lares, padrão normal da aldeia de caiçaras. No momento em que passam os cardumes, sobretudo tainhas, no inverno, um deles espia ao largo a entrada do cardume na enseada, previne logo seus companheiros, acendendo rapidamente uma fogueira de folhas secas no seu barco; imediatamente os outros se põem ao mar com a rede para cercar o cardume, trazendo-a para a costa, onde é puxada à força de braço. São magníficos marujos em seus barcos estreitos, cavados a fogo em troncos de árvore. A costa é tão piscosa que lhes bastam algumas pescas por ano para terem sua provisão de peixes, que eles secam ao sol para conservar. Por isso, mais do que o caboclo do interior, pode o caiçara viver folgado, com um trabalho muito pouco pesado.

Trabalhadores de fábricas

Em contraste com estes gêneros de vida, desenvolve-se uma vida industrial recente que tem no máximo algumas dezenas de anos de existência: a guerra européia, a crise atual, acompanhada da baixa dos câmbios e do fechamento das fronteiras, permitiram que as fábricas brasileiras reservassem para si todo o vasto mercado local e até mesmo começassem a exportar para os outros países da América do Sul.

As fábricas se multiplicaram, sobretudo as fábricas têxteis, e com elas viu o Brasil aparecer um novo personagem: o "operário". Cidades como São Paulo, Sorocaba, Recife, possuem uma população operária que já constitui mais da metade de seus habitantes. Grandes subúrbios como o Braz, em São Paulo, são unicamente operários. Este proletariado industrial de fisionomia muito particular, compõe-se em parte de estrangeiros, italianos, húngaros, polacos, que habitam em pequenas casas com jardim, geralmente construídas por eles próprios, como seus proprietários. Há poucas habitações a preço baixo construídas pelas fábricas ou pelas municipalidades, de modo que as cidades de operários procuram localizar-se em regiões rurais, em subúrbios, até mesmo junto às fazendas.

A casa operária é de fácil construção, pois o clima não exige chaminé nem paredes muito grossas. Em torno das cidades se estendem inúmeros pequenos edifícios de um só andar, que se instalam nos loteamentos mais baratos, na periferia, e constituem núcleos de construções, separados das cidades por imensos terrenos vazios. O território urbano prolonga-se assim indefinidamente, como por exemplo a cidade de São Paulo que tem trinta quilômetros de comprimento.

Os salários são muito baixos, mas a vida é muito barata, as despesas com aquecimento e vestuário são reduzidas devido à temperatura sempre clemente; a alimentação popular é por igual barata. Por isso, com salários que se poderiam classificar de insuficientes, o operário leva uma vida fácil e sadia; os conflitos sociais são raros, a noção de classe operária não existe; os operários grupam-se contudo, menos por sindicatos de ofícios do que por clubes de bairros. Estes clubes tem sede, muitas vezes luxuosa, e há um verdadeiro espírito de clube com emulação entre os diferentes bairros. Os operários reúnem-se para diversões, esportes e mesmo instrução. Cada grupo possui suas equipes esportivas, seus conjuntos musicais; realizam-se ali sessões recreativas e há mesmo às vezes uma biblioteca e cursos noturnos. Esses clubes são muito numerosos, mais de 100 em São Paulo, e frequentemente bastante poderosos, contando milhares de associados. Eis um aspecto original da vida operária brasileira.

Gente das "Favélas" Os operários constituem uma espécie de nova aristocracia na população das cidades; abaixo dêles se agita a gente humilde em grande quantidade, mais ou menos mestiçada de negros e de índios, espécie de caboclos urbanos, carregadores, vendedores de bilhetes de loteria, jornaleiros; vivendo de meios expeditos, usufruem parcos proventos, visto como são limitadas as atividades a que se podem entregar. Moram em casébres que êles mesmos construíram com os materiais mais extravagantes; instalam-se por direito de ocupação em terrenos sem dono. No Rio, vivem êles no alto das elevações graníticas que semeiam a cidade — os morros — e são êles que gozam das mais belas vistas da admirável baía. O mais típico desses morros é a Favela, donde o nome genérico de "favelas" que se dá a êsses bairros de gente humilde. Em Vitória, êles se instalaram na orla da mata que cerca a cidade; em Recife, construíram suas cabanas ou "mocambos" nos pântanos salgados ou "mangues"... Vivem de quasi nada, bananas, arroz, mandioca e até carangueijos, em Pernambuco; apresentam nas cidades o espetáculo de uma vida fácil e despreocupada e a rua lhes deve uma alegria ruidosa e cheia de verve. Não constituem de modo algum uma malta desprezada, porque a vida brasileira não acentua as distâncias sociais, ela as atenua, ao contrário, e o jornaleiro é tratado por "senhor" tanto quanto os grandes fazendeiros que moram nos palacetes do Flamengo, no Rio, ou da Avenida Angélica, em São Paulo.

Singular associação de personagens que constituem esta população brasileira onde os tipos mais primitivos andam lado a lado com os mais evoluídos.

Composição étnica A composição étnica desta população não é menos complexa. Estamos no Brasil em plenas zonas equatorial e tropical. O Equador acompanha mais ou menos o Amazonas e o trópico passa à altura da cidade de S. Paulo; esperar-se-ia encontrar nessas regiões populações de côr; os estabelecimentos de brancos na zona tropical são geralmente simples ilhotas, ínfimas minorias com fraca progressão do efetivo, muitas vezes mesmo com caráter instável e reaprovisionamento constante.

O Brasil é um caso inteiramente especial; é o único país tropical em que os brancos estão em imensa maioria; êles elaboraram um tipo humano em progressão rápida e o país merece pois, sob êste ponto de vista, um estudo atento.

As raças de cor eram no entanto inicialmente as únicas representadas. E' impossível apresentar algarismos precisos, mas parece certo que os índios nunca passaram de 3 ou 4.000.000. Os brancos se encontraram pois ante um caso de fraca ocupação inicial; havia muito lugar disponível, o que não se dava na maioria dos países tropicais, onde os europeus chegavam como dominadores, e não como encarregados de um povoamento, pois já encontravam uma grande população formada.

Os primeiros ocupantes foram no entanto, como alhures, conquistadores, instalados em alguns postos fortificados, escalas das rotas marítimas, pontos de contacto com as civilizações indígenas. Havia, entretanto, uma civilização indígena, ou mesmo várias, que quasi não dispunham de elementos de produção permutável; entregavam-se a afazeres de simples colheita, com nomadismo muito generalizado, fazendo suceder estações de pesca à estações de caça e de frutos; gêneros de vida indígenas, êsses quasi sem proveito para os primeiros colonizadores.

O país só poderia se valorizar se se criasse um novo regime de exploração; aqui nada se assemelhava às civilizações agrícolas ou de mineração dos planaltos andinos. O único valor que os brancos puderam

tirar dos índios foi o valor do próprio homem, como mão de obra, mas esta mesma mostrou ser muito má; não se obteve um rendimento de trabalho útil de populações acostumadas à colheita. As "batidas" contra os índios e seu estabelecimento em estâncias agrícolas provocaram as hecatombes conhecidas.

O próprio estabelecimento da raça branca ficou comprometido pelo desaparecimento das populações locais. Foi então que começou o tráfico dos negros; mas fez-se vir ao mesmo tempo muita gente humilde da mãe-pátria, das montanhas do Norte e do Centro de Portugal, já com super-população no século XVII e com padrão de vida muito baixo; mandaram-nos vir também dos Açores e das ilhas do Cabo Verde, cuja população extraordinariamente prolífica e andeja, se espalhou abundantemente por toda a costa do Oceano Índico e do Atlântico Sul. Os "Angrénses" (de Angra, principal centro de emissão dessas populações) constituíram o lote principal da gente humilde, base de toda colonização. A adaptação ao clima dos Açores já tinha dado, sem dúvida, a êsse tipo de homem uma flexibilidade e maleabilidade especiais. Seu nível de vida baixo, devido em parte à clemência do clima do arquipélago, permitiu-lhe todos os contactos, todas as assimilações. Viu-se isto sobretudo no caso das colonizações em Moçambique ou nas Índias, em tórno da Góa e Diu.

No Brasil, êles se misturaram sem dificuldade às populações de escravos negros ou de índios; mas aqui a possibilidade de uma absorção pelas populações de côr era muito menos de temer do que nos países do Oceano Índico; a desproporção entre brancos e homens de côr era infinitamente menor. Em certas colônias litorais, sobretudo em certas ilhas, Ilha Grande, perto de Santos, Ilha de Santa Catarina, ao Sul, a absorção se fez muitas vezes em sentido inverso; os brancos conservaram um potencial de assimilação mais elevado do que o das outras raças e, em muitos logares, assistiu-se a um "branqueamento" progressivo da população. Esta transformação se operou sobretudo nos logares de grande proliferação. Houve assim pontos que constituíram centros de emissão de povoamento e onde a dominação branca se manteve ascensional. Novos tipos humanos apareceram, quasi brancos pelo aspecto somático, ou aproximando-se cada vez mais dessa côr.

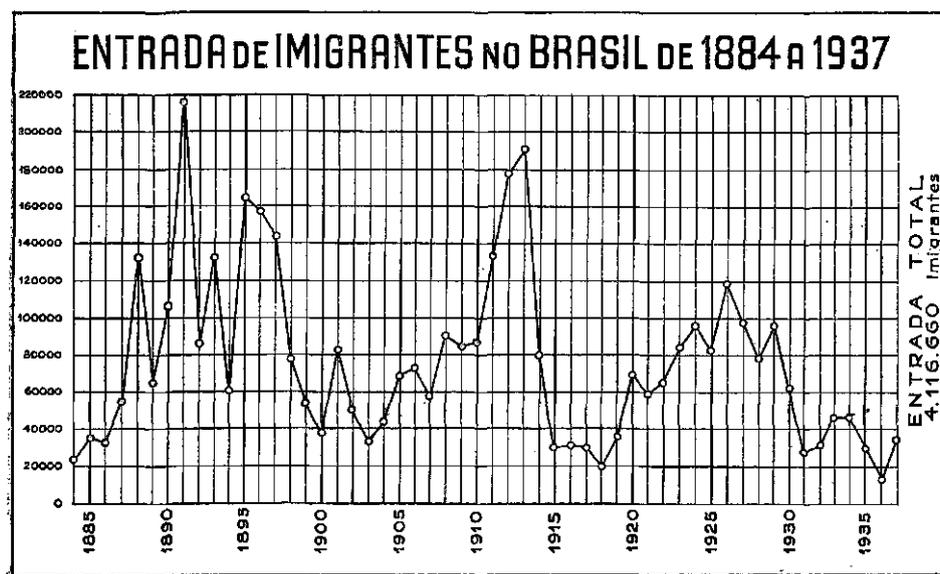
Entre as mais curiosas dessas variedades humanas adaptadas ao meio, cumpre notar os cearenses, raça espantosamente robusta, que vive no Nordeste brasileiro submetido a sêcas violentas e imprevistas, verdadeiro Saara, colocado quasi na zona equatorial, a uns 1.000 quilômetros do Equador. Este cabo que o Brasil do Nordeste forma no meio do Atlântico, deveria ser o recanto mais oceânico do país; apresenta, ao contrário, os aspectos mais continentais, flanqueado ao Norte e ao Sul por duas zonas, uma amazônica, outra litoral, com caracteres equatoriais, como se o Equador se tivesse decomposto em duas bandas, encerrando um bloco sujeito a sêcas.

Esses cearenses, expulsos periódicamente pelas crises da sêca e desde muito tempo demasiado numerosos para a região ingrata que habitam, expandiram-se para as regiões quentes e úmidas que os cercam. Foram êles que asseguraram o comêço da ocupação da bacia amazônica. A Amazônia, a maior zona equatorial do mundo, aquela em que os caracteres do clima equatorial são mais nítidos e se apresentam mais hostís a qualquer desenvolvimento humano, foi colonizada por um tipo de homem com fundo branco predominante, saído de estepes quasi desérticas; Manaus é uma bela cidade de aspecto europeu, com população quasi unicamente branca, sendo mesmo a única cidade branca de importância sôbre o Equador. A natureza humana deu provas aqui de uma singular adaptabilidade.

Para o Sul, o planalto de São Paulo favoreceu o aparecimento de outro tipo de homens particularmente prolíficos, robustos e aventureiros. Enxamearam todo o centro do Brasil e forneceram com suas "bandeiras" os primeiros elementos de povoamento das imensas regiões dos planaltos e savanas de Mato Grosso, de Goiás, de Minas, e mesmo do rebordo meridional da bacia amazônica, do Maranhão e do Piauí, onde se encontraram com os nordestinos. Possuíam um fundo de população ainda mais branco e português do que a gente do Ceará e é a eles que a parte central do Brasil deve o seu sangue europeu. Eles foram também amalgamadores de raças; organizaram as principais "batidas" de índios; grandes pesquisadores de metais preciosos, introduziram em pleno centro do Brasil essas colônias de trabalhadores de minas em que os negros africanos eram numerosos.

Assim se elaborou em pleno centro do Brasil, entre as montanhas e nos planaltos, um outro tipo de homem, os mineiros ou gente de Minas, espécie de montanheses, mais sedentários do que a gente do Nordeste ou de São Paulo. Acabaram por constituir, após o empobrecimento das jazidas mineiras, uma população campezesina e sedentária, praticando uma economia bastante rudimentar, mas sem necessidades, mais misturada quanto aos elementos étnicos, onde contudo o fundo branco mantém-se predominante e progressivo.

É este branqueamento geral do Brasil acompanhado de uma mudança correspondente dos gêneros de vida? As transformações são aqui menos rápidas do que na ordem somática. Há casos recentes em que populações de origem branca adotaram hábitos e modos de vida semelhantes aos das populações de côr; a vida agrícola, sobretudo, inspirou-se no primitivo sistema da queima da floresta, a "queimada", já empregada pelos índios. Além disso, a fraca densidade da população e sobretudo a tendência à disseminação determinam frequentemente uma volta ao primitivismo, pelo estabelecimento de um regime de economia fechada, com poucas exigências e um mínimo de esforço. O clima favorece a vida "ao Deus dará", sem horário e sem trabalho regular; as qualidades de energia diminuem. O vestuário e a casa se simplificam, modifica-se a alimentação; menos necessidades e também menos trabalho. A higiene ressentiu-se disso também. Empreendeu-se agora, fe-



Segundo dados fornecidos pelo Departamento Nacional de Imigração

lizmente, uma verdadeira campanha sanitária para evitar este decréscimo do potencial da raça, em São Paulo sobretudo.

Dêste modo o Brasil representa um caso singular de zona tropical em via de branqueamento, exceto, talvez, a zona da Baía, para onde os escravos africanos tinham sido trazidos em massa mais compacta, e que absorve mais lentamente as populações de côr.

Este branqueamento acentuou-se no decorrer do século XIX com grandes levas de novos colonos europeus: de 1822 a 1932, o Brasil recebeu 4.300.000 imigrantes brancos. Alguns se instalaram nas regiões meridionais e menos tropicais, Rio Grande, Santa Catarina, Paraná, onde se fixou uma colonização livre de pequenos agricultores italianos, alemães, espanhóis, e mesmo polacos ou russos, em lotes vendidos pelo Estado ou por grandes companhias. Os outros foram atraídos para as fazendas, após a supressão da escravatura, na segunda metade do século XIX; a rápida expansão das plantações de café determinou a introdução nos grandes domínios recentemente desbravados, da gente humilde européia, verdadeiros trabalhadores rurais, impropriamente chamados "colonos", e que constituem um proletariado assás instável.

O Brasil possui hoje pelo menos 40.000.000 de habitantes, cuja composição étnica é aproximadamente a seguinte: menos de 2.000.000 de índios, sendo contudo duvidosas as estimativas neste sentido; 5 a 6.000.000 de negros quasi puros; restariam, portanto, 32 a 33.000.000 de habitantes com a composição branca mais ou menos pura. As demarcações são aqui impossíveis de precisar. Não obstante, é o Brasil atualmente o mais importante país tropical, com população de origem européia na sua maioria.

As duas principais cidades, Rio de Janeiro e São Paulo, são as maiores cidades brancas dos trópicos. São Paulo, com uma população de 1.200.000 habitantes, possui pelo menos 1.000.000 de brancos e a cidade é atravessada justamente pelo trópico. Rio de Janeiro e Niterói atingem a perto de 2.000.000, dos quais 1.500.000 pelo menos, são brancos. O Brasil possui assim as duas únicas aglomerações tropicais em que os brancos ultrapassam de 1.000.000. As outras grandes cidades da zona tropical, Singapura, Calcutá, Cantão, Hong-Kong, Manilha, têm uma composição étnica absolutamente diversa. O Brasil é a melhor prova da adaptação da raça branca em país tropical.

CAPÍTULO III

AS DUAS GRANDES CIDADES: RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

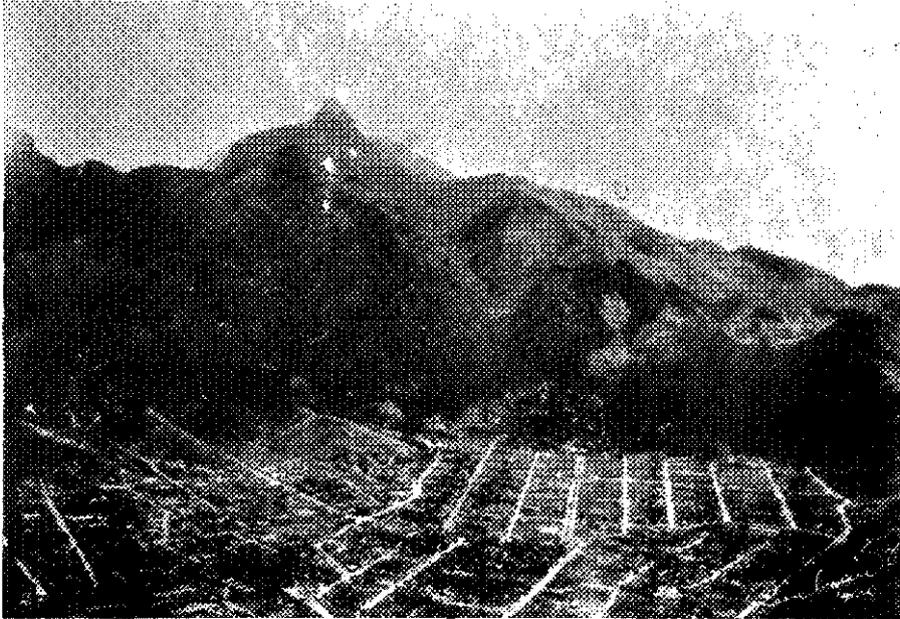
RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, a maior cidade de feição européia do trópico, está situada em posição extraordinária.

A situação Ao subir-se pelo funicular até o cume do Corcovado, a 700 metros de altitude, fica-se impressionado com a área ocupada pela montanha. O centro geométrico da aglomeração está em certo ponto do massiço da Tijuca, a cêrca de 1.000 metros de altitude.

O Rio de Janeiro é, indubitavelmente, uma cidade pôrto, litorânea, não obstante apresentar-se inicialmente como cidade de montanhas; — e que montanhas! — serras e morros, com paredões de rochedos a pique, de cumes arredondados. Muitos dêles inacessíveis. A superfície ocupada por tais massiços no distrito urbano é quasi igual à metade do território.

A área reservada aos habitantes fica assim singularmente emoldurada pelo relêvo e pelo mar. Encontramo-nos ante uma costa extremamente jovem, onde o mar penetra em numerosas sinuosidades, que



Bairro do Grajaú e Pico do Andaraí situado na Serra da Carioca. Note-se o limite da cidade ao pé da serra

FOTO DEPARTAMENTO DE PROPAGANDA DO BRASIL

mal começam a ser regularizadas e fechadas por praias: as vagas atingem muitas vezes diretamente os rochedos, sem ainda cavar verdadeiras escarpas. Entre o mar e a montanha existem apenas curtas planícies, mais ou menos fechadas, terras baixas, na maioria das vezes, pântanos ou lagunas, fechadas do lado do mar por um cordão litoral arenoso, uma "restinga". As mais elevadas planícies costeiras estão sujeitas às graves e súbitas inundações que descem dos altos massiços culminantes, nas épocas das grandes chuvas estivais. Além disso, essas precipitações abundantes no calor entreteem uma formidável vegetação, uma floresta formando um bloco vegetal, cujos andares superpostos se ligam por uma rêde inextricável de liames, opondo ao Homem uma barreira quasi sólida.

São muitos, portanto, os elementos naturais simultaneamente hostis à cidade: a montanha, o mar, o pântano, a floresta e até o clima.

Indiscutivelmente, na Terra poucos grandes centros urbanos teem sido obrigados a lutar em tantas frentes de combate a um tempo. Trata-se de imensa aglomeração, atinente quasi a 2.000.000 de habitantes, uma das maiores cidades da zona tropical. Está aos 23° de latitude Sul.

Tais são os primeiros motivos de espanto, que se resumem na impressão de um grandioso triunfo humano. Para bem compreender suas causas, teremos de estudar primeiro a situação e pesquisar-lhe depois o modo por que foram resolvidos os problemas urbanos.

A região do Rio de Janeiro é atravessada por uma dupla cadeia de montanhas, ambas paralelas à costa. Uma, no interior do país, formada pela escarpa meridional do imenso planalto central brasileiro ergue, a cerca de 40 Km do litoral, uma barreira contínua com 1.000 metros de altitude média, sem nenhuma garganta verdadeira, apresentando apenas encilhamentos que abaixam um pouco a altitude da crista:

é a Serra do Mar. Outra, a cadeia confinante com o próprio litoral: é a Serra Carioca, pequeno massiço isolado, longo e estreito, atravessado por pequenos côrtes, como o de Jacarepaguá e o estreito entre o Rio e Niterói.

Entre essas duas cadeias, estende-se uma grande depressão, a baixada, em grande parte pantanosa, e a princípio lacustre.

A barreira formada pela Serra Carioca retinha as águas que só podiam desembocar no mar pelas duas extremidades da cadeia, onde espessas barragens aluviais, acumuladas pelas torrentes que descem da Serra do Mar, tornavam o escoamento precário e levantavam o plano d'água.

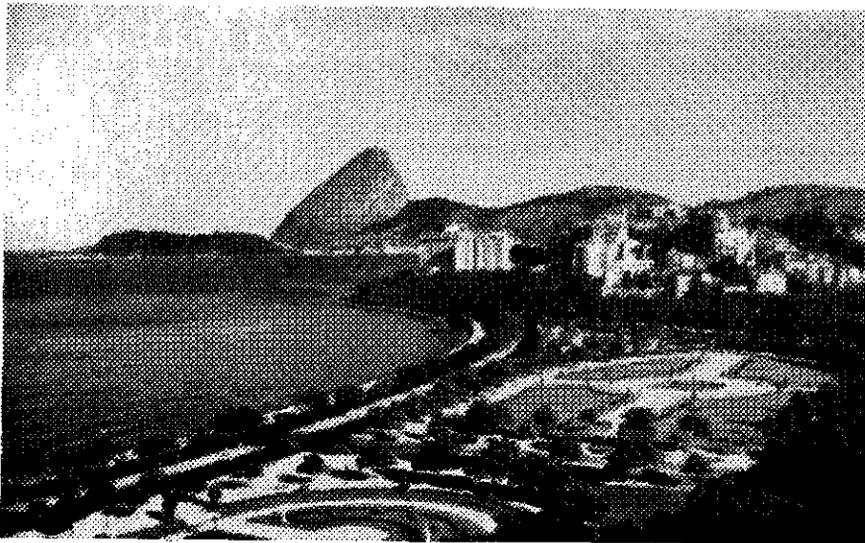
Um escoadouro do antigo lago da baixada logrou abrir caminho através da Serra Carioca, utilizando o encilhamento que a serra apresenta entre o Rio e Niterói; iniciou-se assim um côrte unindo o mar à baixada. Uma invasão marinha, recente, transformou êste côrte fluvial num estreito marítimo. O antigo lago tornou-se então um vasto golfo interior, a baía de Guanabara, ligada ao mar por uma espécie de dique-estreito.

Tal é a situação; e por que a cidade do Rio de Janeiro aí se instalou?

Diz-se que ela é essencialmente a "cidade de baía" e a canção popular a chama "filha da Guanabara". Não é esta, contudo, sua definição essencial.

A cidade não se utiliza verdadeiramente das vantagens oferecidas pela baía de Guanabara, nem se instalou no fundo do golfo, beneficiando-se da profunda penetração do mar. As verdadeiras "cidades de baía" existiram outróra em Estrêla, Mauá, Pôrto de Caxias, na extremidade interior, no ponto de onde partiam os caminhos que escalavam a Serra do Mar. A cidade do Rio de Janeiro ocupa um pequeno canto lateral da baía, a bem dizer mal escolhido para as comunicações com o interior; instalou-se à saída do estreito, no trecho em que começa o alargamento da baía.

Pelo contrário, é bem no desfiladeiro, cortando a Serra Carioca, que a cidade se instalou e a primeira definição que dela se pode dar é de



O Pão de Açúcar, à entrada da baía de Guanabara. E' um penhásco de "gneiss" que a erosão modelou numa forma que se repete a meúdo, na Serra do Mar. Nos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo há vários outros penháscos muito semelhantes a êste

Foto UNIÃO - RIO

“cidade-barragem”, dominando a melhor passagem que corta a Serra Carioca, a que é ocupada por um braço de mar.

A cidade desdobrou-se pelos dois lados do desfiladeiro, como acontece frequentemente nas “cidades de estreito”. Niterói é uma aglomeração gêmea ou satélite, em idêntica posição na margem oriental. O Rio conservou a primazia, porque o canal passava mais perto de sua borda e permitia uma aproximação fácil; talvez tenha sido também devido à qualidade das águas doces que desciam do massiço do Corcovado até à antiga e famosa fonte “Carioca”. Houve ainda, sem dúvida, algumas razões históricas: da margem ocidental é que os portugueses empreenderam a luta contra a antiga colônia francesa de Vilegaignon e foi lá que se estabeleceram mais fortemente desde a origem.

Este característico de “cidade de desfiladeiro” influiu sobre a própria forma da aglomeração, que se formou ao longo da passagem, desdobrando-a como uma facha sinuosa no interior do estreito: bairros da Glória, Flamengo e Botafogo.

Este aspecto alongado é ainda acentuado por uma outra feição típica da situação do Rio; apresenta-se como um promontório delgado que se adianta entre o mar e o golfo e, em vez de ser uma “cidade de baía”, a aglomeração carioca é antes uma “cidade de cabo”.

Por isso não tem ela absolutamente a forma nodular habitual, e sim a forma linear, que é excepcional nas grandes aglomerações, e apresenta a maioria dos seus bairros dispostos uns atrás dos outros; convergindo para o mar, as novas zonas residenciais como que constituem um imenso *Finisterra* urbano, em que as casas se alinham numa dupla fachada suntuosa, uma, Flamengo e Botafogo, dando para o estreito, outra, Copacabana e Ipanema, para o mar. Essas duas fachadas vão se encontrar no vértice do triângulo que termina o cabo carioca, o Pão de Açúcar, magistral limite terminal da cidade.

Atrás desses bairros de residências, para o interior, levanta-se primeiro a “cidade”, onde estão as casas de negócios, bancos e comércio; concentra-se no trecho de estreitamento máximo e à saída do desfiladeiro para a baía interior; depois, no ponto em que a cidade começa a se alargar, fixaram-se os diversos pontos terminais das comunicações, as gares, o pôrto, o aeroporto do Cajú. Para o interior, enfim, entre a montanha e a baía, a linha dos subúrbios, ou antes, um único subúrbio, que muda de nome com a distância, mas que se liga a um único grande eixo em direção do Oeste.

Rio, “cidade barragem”, “cidade-cabo”, é também “cidade-península”. Comporta-se mais ou menos como uma dessas ilhas próximas ao continente, onde se concentrava outrora a vida comercial: Veneza, Zanzibar, Hong-Kong. Antigamente para comunicar-se com o resto da região, era necessário tomar o barco e atravessar a baía até os portos ao pé da Serra do Mar; era mais fácil utilizar a passagem por água do que atravessar o pântano. Este característico insular tornava difícil o abastecimento da população, que não podia ser assegurado pelas regiões circunvizinhas. Em torno da cidade ficavam o mar, a baía, a montanha e o pântano. Compreende-se que uma tal situação acarretasse uma série de problemas urbanos influenciando sobre a vida da cidade, dando-lhe uma fisionomia sem dúvida muito especial.

A conquista do solo urbano

Foi necessário primeiramente conquistar o solo urbano. Dispúnha-se de pequenas planícies, todas mais ou menos pantanosas, sendo necessário drená-las e secá-las. A cidade é atravessada por numerosos canais, alguns subterrâneos, outros descobertos; a rede do canal do Mangue é a mais importante e assegura a secagem do bairro mais baixo.

Não era, aliás, a água dos baixios que mais inquietava e sim a que descia das montanhas da Serra Carioca, na época das grandes chuvas de verão, onde caem às vezes mais de 200^{mm} por dia. As escarpas muito abruptas, dominam diretamente a cidade e certos bairros, enquadrados



Bairros de Ipanema e Leblon, ocupando a restinga entre a lagoa Rodrigo de Freitas e o Oceano

FOTO DEPARTAMENTO PROPAGANDA DO BRASIL

por elevações, ficam literalmente inundados em algumas horas em ocasiões das chuvas torrenciais. Foi necessário estabelecer ao pé das encostas uma espécie de valo de esgotamento, permitindo uma separação entre a montanha e a planície. Infelizmente este valo não é contínuo, e malgrado os aperfeiçoamentos que nele se fazem incessantemente, não possui ainda uma descarga, por toda parte suficiente, que assegure saída para as trombas d'água que caem às vezes sobre a Serra. Este canal ao pé da encosta é contudo um dos aspectos típicos da conquista e defesa do solo urbano.

Do lado do mar, atrás dos cordões litorais arenosos, lagunas sem saída, malsãs, entravam o povoamento. Era o caso da Lagoa Rodrigo de Freitas; por meio de um canal e um sistema de represas, garantiu-se o acesso das marés e facilitou-se o saneamento. Hoje as bordas da lagoa se povoam e instalaram-se ali uma parte dos campos de esportes e o hipódromo.

Foi preciso, muitas vezes, adaptar a borda do mar; as pequenas planícies terminavam, em sua maioria, por terrenos baixos ou praias com areias instáveis. Construíram-se por toda parte magníficas avenidas com diques, acompanhando a costa. Dava-se assim a essas zonas urbanas, divididas todas em pequenas planícies, uma longa via de circulação, servindo como eixo a faixa conquistada ao mar.

Nesta cidade comprimida pela montanha, as conquistas sobre o mar foram além das avenidas de beira mar; imaginou-se conquistar a baía, por atêrro; assim, bairros inteiros, como o da Urca, ao pé do Pão de Açúcar, foram conquistados ao mar, loteados e vendidos os seus terrenos, onde hoje se ostentam palacetes residenciais.

Na ponta do Calabouço, bem junto à cidade, estabeleceu-se, por alteamento dos baixios da baía, um vasto campo de aviação para aeroplanos e hidroaviões, e assim o Rio de Janeiro é a única cidade que goza do privilégio de possuir, em pleno centro, o seu aeródromo.

Conquistaram-se e adaptaram-se também as numerosas ilhas que semeiam a baía de Guanabara. A cidade pôde, assim, se livrar de certos serviços desfavoráveis à aglomeração: ilha especial para imigrantes,

ilhas para arsenais de marinha, ilhas para entreposto de petróleo, ilha para receber o minério. Há, também, algumas ilhas residenciais, como a encantadora Paquetá.

Em relação à montanha, que ocupa uma área enorme no território urbano, as conquistas dos homens foram mínimas. E', sem dúvida, atualmente o elemento da paisagem natural menos trabalhado pelo Homem.

A cidade é dividida em ramos montanhosos ligados aos massiços do Corcovado e da Tijuca e é semeada de morros isolados, alguns deles pequenos e constituídos de terras de decomposição; alguns foram arrasados no centro da cidade; mas não se podia fazer o mesmo com os morros de rochas que continuam a figurar na silhueta estranha da cidade. Aqueles que tem paredões a pique são inacessíveis e constituem áreas inutilizadas; mas, sempre que as rampas eram menos abruptas, foram ocupados por uma população heterogênea da própria cidade. Tornaram-se domínio da gente pobre e constituíram espécies de zonas cobertas de casas de taipa, com pedaços de folhas de Flandres, aglomerações suspensas acima da cidade e com ela se comunicando por meio de escadas vertiginosas, talhadas muitas vezes na própria rocha. O mais



Bairros da Praia Vermelha e Botafogo. Ao fundo o vale que conduz à Gávea
FOTO DEPARTAMENTO PROPAGANDA DO BRASIL

antigo desses morros de gente pobre é o da Favela, mas há pelo menos uns quinze outros, espalhados por todos os bairros, mesmo acima dos bairros residenciais mais luxuosos. Calcula-se que seja de 200.000 o número de habitantes dos morros.

As alturas foram desprezadas pela cidade regular, malgrado sua maior salubridade e a beleza de seus panoramas, devido à dificuldade da subida. Apenas um bairro, Santa Terêsa, foi conquistado à montanha, porque nela se pôde fazer circular uma linha de "bondes" numa estrada em cornija, ao longo da qual se construíram ricas residências.

A casa carioca A cidade foi outróra uma aglomeração composta unicamente de pequenas casas isoladas, na maioria das vezes de um ou dois andares; casas construídas com um subsolo baixo, o porão, que protege do contacto com a terra. Dêste antigo tipo, espalhado por todo o Brasil, passou-se hoje quasi sem transição aos arranha-céus, não só na cidade, para as casas de negócios, como também para as moradias, nos bairros residenciais.

E' interessante observar a orientação na construção da casa. Procurou-se menos a exposição ao sol ou a proteção contra êle do que a ventilação, a corrente de ar. Daí uma curiosa multiplicação de ângulos. O vento é o grande elemento de salubridade e frescor, aliás quasi constante.

No Rio, o vento é um verdadeiro personagem, traz nomes especiais: é "brisa", quando sopra do mar, "viração" ou "terral", quando vem da terra.

O regime dos ventos varia muito, conforme os bairros. Numa cidade cortada por altas montanhas, com exposições muito diversas para a terra ou para o mar, o clima varia sensivelmente conforme os lugares; muitas vezes chove em Copacabana e em Santa Terêsa faz um lindo sol; Laranjeiras fica sob a bruma, enquanto o Alto da Boa Vista goza de plena luminosidade. Há numerosos "microclimas".

O problema das comunicações A separação dos vários pontos da cidade é tal que a própria atmosfera fica dividida. Esta separação constitue problema grave para as comunicações interiores. Não há muito tempo, certos bairros ficavam literalmente fechados pela montanha; só puderam se desenvolver depois da abertura dos túneis.

Apesar da pluralidade dêsses túneis, o eixo de comunicações continúa ligado ao litoral, ao longo da muralha, e o feixe de circulação atinge sua maior densidade no estreitamento máximo do desfiladeiro, em tôrno da Avenida Rio Branco, via asseguradora do escoamento da maior parte da circulação, entre as duas partes da cidade, a da baía e a do alto mar. Em tôrno dêsse estreito das comunicações interurbanas ficou-se o bairro de negócios e comércio da cidade.

A estranha condensação de toda a circulação numa só artéria, contrasta com o espraiamento prodigioso da cidade. Do bairro Leblon, mais aproximado do mar, ao bairro Penha, mais distante para o interior, há mais de 30 quilômetros.

O Rio de Janeiro não tem, como a maioria das grandes cidades, disposição estrelada das vias de comunicação em todas as direções e esta irradiação dos bairros em estrêla.

A baía de Guanabara, devido ao seu alargamento interno, obriga as vias de comunicações a fazerem uma grande volta, acompanhando a estreita zona sêca entre a baía e a Serra Carioca, na qual, estende-se, além da baixada, cêrca de 25 Kms. de pântanos. Logo após os baixios, depara-se-nos a barreira da montanha, a escarpa abrupta e contínua da Serra do Mar.

O problema das comunicações do Rio com o interior do país é dos mais graves que a cidade apresenta. Nada lembra Buenos Aires, com sua expansão fácil de comunicações para todos os pontos do horizonte argentino. Foi fácil para esta cidade erigir-se em capital e aglutinar todas as atividades do país, a ponto de nêle ser a única cidade grande.

O Rio precisou lutar por muito tempo contra a excentricidade da sua situação, e seu papel de capital não se impôs com a mesma preponderância, a mesma exclusividade.

Durante muito tempo, do interior, só se atingia o Rio, de barco, pela baía de Guanabara depois de se atravessar a Serra do Mar por caminhos montanhosos, numerosos e difíceis. Os caminhos mais frequentados passavam pela zona mais elevada da Serra, em tórno do massiço do Tinguá ou do massiço dos Órgãos, a cêrca de 1.000 metros de altitude, e desembocavam diretamente no planalto mineiro, na extremidade meridional dêste golfo de "campos cerrados", descoberto e de fácil circulação. A travessia da zona de floresta espessa e hostil ficava assim reduzida ao mínimo. Nessa época, o obstáculo do relêvo parecia menos penoso do que o obstáculo da floresta, porque os transportes só se faziam por tropas de mulas.

Quando se organizaram os transportes por via férrea, foi necessário procurar outras passagens. A Serra do Mar apresenta grande depressão a Oeste do massiço dos Órgãos, onde a crista não ultrapassa 500 metros; lá se estabeleceu então a rampa que permitiu comunicação com São Paulo e Minas, pela passagem de Paulo de Frontin. E' a única linha férrea por onde podem subir combôios de 10 e 12 vagões, constituindo uma única saída do Rio, de grande rendimento; as outras vias férreas tem cremalheiras e nelas só podem subir 3 vagões de cada vez.

Quanto às rodovias, a cidade está ligada ao interior apenas por duas grandes estradas: uma para Petrópolis, subindo a Serra do Mar, muito bem conservada e construída, — é essencialmente estrada de turismo; a outra dirige-se para São Paulo pelo Oeste, choca-se igualmente com a Serra, que atravessa num trajéto tortuoso e difícil.

Quanto à Niterói, confrontante do Rio, na parte oriental da baía, possui apenas uma ferrovia para Léste, de rendimento médio, que conduz a Campos, e dispõe de rodovia para o interior.

Tal é o balanço das comunicações exteriores para uma aglomeração de mais de 2.000.000 de habitantes (incluindo Niterói).

Na verdade, o Rio dispõe do mar, que não só serve de ligação com o estrangeiro, como também é o principal laço entre as diferentes partes do Brasil. As comunicações entre os Estados do Brasil são essencialmente periféricas e externas; o mar é o principal traço de ligação. O movimento marítimo dos portos elevou-se a 10.700.000 toneladas em 1934.

O problema da alimentação

O isolamento da cidade apresenta gravidade especial em face do problema do abastecimento. O Rio não pode tirar das regiões circunvizinhas sinão uma parte ínfima de sua alimentação, porque a região não urbana é montanhosa ou pantanosa em sua maior parte.

O gado de córte, por exemplo, vem de regiões longínquas do Brasil, de Minas e Goiaz. A travessia, que pode ultrapassar 1.000 Kms., não é feita de uma só vez. As rezes magras, criadas em estado quasi selvagem, nas imensas fazendas de criação do sertão, trazidas por pequenas etapas, atravessam regiões cada vez melhor preparadas e que se chamam "invernadas", onde engordam progressivamente. Contribue assim todo o interior do país para o fornecimento de carne à capital (84.000 toneladas em 1936).

Quanto ao leite, era fornecido outróra, sobretudo pelos estábulos construídos em plena cidade e que recebiam forragem importada; mas a insalubridade dêstes estabelecimentos (que contribuíram sem dúvida para a propagação da tuberculose) e o desenvolvimento do consumo do leite, forçaram a procura de outros meios. Transformaram-se as antigas fazendas de plantação do Estado do Rio de Janeiro, que se

achavam em plena decadência, em fazendas de criação vacum para produção de leite e manteiga; os solos úmidos e quentes não permitiam, porém, uma produção suficiente e a indústria de laticínios subiu aos planaltos de Minas, de melhores forragens. Foi preciso então transportar o leite gelado em vagões isotérmicos. Hoje, a principal zona de abastecimento é a montanha do Sul de Minas.

Evolução análoga marca o abastecimento de produtos vegetais. Os legumes tinham outrora parte mínima no regime alimentar; prática recente determinou a introdução dos legumes europeus no menú quotidiano; mas, a maioria deles não podendo ser produzidos nas regiões quentes dos arredores do Rio, foi necessário procurar zonas de clima mais temperado, ocupando-se, a princípio, os planaltos de São Paulo, depois as montanhas da Serra do Mar, vizinhas do Rio. A horticultura estabeleceu-se na montanha e multiplicou-se no fundo dos altos vales em pequenas culturas irrigadas, — couves-flor, batatas, tomates, alcaçofras.

A alimentação da cidade exigia assim colaboração de região cada vez mais extensa e longínqua.

Teem sido tentados esforços para minorar esta pesada dependência do transporte e fazer baixar o custo de vida a nível normal, procurando-se, sobretudo, transformar as zonas vizinhas em terras de culturas.

A primeira etapa desta evolução foi o aproveitamento dos altos vales da Serra do Mar, a 50 Kms. apenas do Rio. Apareceu, assim, novo gênero de vida na montanha, a horticultura, cujos obreiros formam população cada vez mais densa nos vales em tórno de Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo.

A segunda etapa, que apenas se inicia, é o aproveitamento da baixada pantanosa. Serviço público, do "Saneamento da Baixada Fluminense", iniciou grandes trabalhos de secagem; na maioria das vezes prosseguimento de trabalhos antigos, pois esta zona pantanosa já fôra conquistada no tempo dos escravos pelas grandes fazendas coloniais, sobretudo as dos Jesuitas. Os trabalhos foram, porém, abandonados após a libertação dos escravos e a região voltou a ser ocupada pelos pântanos. A região é reconquistada, hoje, com o estabelecimento de nova colonização, como, por exemplo, a dos arredores de Santa Cruz. Orienta-se a produção dessas terras baixas para a policultura de legumes. Estas transformações em curso darão, sem dúvida, ao Rio, maior autonomia alimentar.

As zonas de obstáculos que por muito tempo pesaram sobre a vida da cidade, vão se tornar zonas de utilidade. A montanha já trouxe um precioso benefício, seu clima temperado, refúgio durante o calor tórrido do verão. Cidades de veranistas estabeleceram-se na Serra do Mar; as primeiras datam de 1870, fundadas por D. Pedro II na Serra dos Órgãos — Petrópolis e Teresópolis.

E assim, a Serra, outrora virgem e inhabitada, se povôa, e, além disso, fornece recurso, indispensável a um grande centro urbano: a energia elétrica. Com os dois metros de chuva que recebe anualmente, ela representa uma extraordinária reserva de energia, suspensa a mais de 1.000 metros acima do nível do mar. A força elétrica é fornecida ao Rio por duas grandes usinas na Serra do Mar: a do Ribeirão das Lages e a do Paraíba. Além disso, instalaram-se usinas menores na própria serra, utilizando cascatas particulares: a de Paracambí, ao pé da Serra, a da fábrica do Meio da Serra, numerosas usinas em tórno de Petrópolis, Cascatinha, Morin, Mendes, Paulo de Frontin, etc. A Serra do Mar está se tornando um anexo industrial do Rio.

**Uma extraordinária
vitória urbana**

A função essencial desta cidade não será fabricar e produzir, mas consumir. É o principal mercado consumidor do Brasil, proporcionando a uma vasta região do interior o adjutório precioso de grande escoadouro de consumo. Em país novo é talvez mais fácil criar centros de produção do que de consumo. O Brasil é país de produção ativa e recente, mas de consumo embrionário; possui felizmente o Rio, cidade de administração e de luxo, cidade de passagem e de turismo, cidade de ofícios, de escritórios, de jornais, de universidades, cidade sem produção, mas de grande consumo.

Com relação à população, a cidade acha-se em progressão muito rápida: em 1821, contava 112.600 habitantes; em 1890, 522.600 e em 1920, 1.157.800; duplicou, portanto, num século. Estima-se a população, em 1936, em 1.750.000 habitantes; com Niterói, ultrapassa hoje 2.000.000. A natureza foi pródiga em beleza, mas semeou a encantadora cidade de obstáculos; por isso, os homens dispendem extraordinários esforços em suas conquistas, que, no cenário grandioso que ocupam, representam uma espantosa vitória urbana.

S ã O P A U L O

A situação São Paulo, a segunda grande cidade do Brasil, em situação se bem que diversa, não é menos singular do que a Capital do país. Enquanto o Rio de Janeiro é cidade de litoral, em parte conquistada ao mar, São Paulo é cidade de planalto, e, de planalto elevado; seus diversos bairros estão situados entre 700 e 900 metros de altitude. É pois, a mais alta cidade, com população superior a um milhão de habitantes. As grandes aglomerações humanas são quasi sempre cidades de planície, de beira-mar ou de margem de grande rio.

Eis um primeiro motivo de surpresa.

A cidade ergue-se no meio de um vasto planalto com ondulações suaves; os vales, quasi raros, são pouco profundos, e perlongados por preguiçosos e lentos ribeiros, desenhando inúmeros e pequenos meandros; colinas arredondadas, em forma de meias laranjas pouco elevadas, constituem o único relêvo; por isso, passa-se de uma a outra nascente de rio por linhas de separação insensíveis, onde as águas se comunicam às vezes nas duas vertentes, que mal se distinguem. Houve, aliás, numerosas capturas.

Tudo indica um relêvo senil, confirmado pela espessura considerável dos solos de decomposição; os granitos decompõem-se em blocos, os chistos dão terras tanto mais estéreis quanto misturadas com areias, resíduos dos antigos depósitos fluvio-lacustres da época terciária. Isto explica os tristes horizontes de capoeiras pobres, de sapesais ou de samambaias, característicos dos arredores de São Paulo.

O clima severo, é clima "de alto da serra", por sua nebulosidade e pluviosidade; as neblinas e a "garôa" são frequentes. Por isso essa região mal favorecida nunca chegou a ser zona cafeeira.

A exploração agrícola, a princípio, era pobre e atrasada; reinava ali uma cultura de cabóclo, espécie de policultura, tratada a enxada e queimadas; chegou-se mesmo a colher trigo, cultivando-se até a cana de açúcar. O povoamento processou-se de modo curioso: o planalto foi uma das únicas regiões do Brasil onde existiram verdadeiras aldeias,

antigas aldeias fundadas pelos missionários para abrigarem a população indígena: Itapecerica, Mboi, Guarulhos. A exploração e o povoamento pareciam ali fossilizados; no entanto, a região transformou-se na atual São Paulo. A segunda cidade do Brasil desenvolveu-se assim numa das piores regiões quanto à fertilidade do solo.

As vantagens da situação eram, porém, consideráveis, pois São Paulo domina a melhor passagem para o litoral: uma depressão da Serra do Mar com menos de 800 metros de altura. O Alto da Serra elevava-se, sem dúvida, acima de uma escarpa extremamente abrupta,



Vista da cidade de São Paulo, vendo-se ao fundo a Serra da Cantareira

mas se a subida era rude, tinha a vantagem de ser curta e, em consequência, a barreira do relêvo, como também a da mata cerrada que cobre a encosta, ficava reduzida ao mínimo. Uma vez vencida a Serra, estava-se no planalto quasi nivelado; nenhum rio recente veio formar penepiano e acumular barreiras de relêvo entre a cidade e o rebordo da escarpa, como acontece a Leste e a Oeste.

Além do mais, a praia confina quasi com a montanha, a zona anfíbia de mangue tem menos de 10 quilômetros. Mais a Oeste ela se alarga, consideravelmente, como se alarga também a zona da Serra, atacada pelas ramificações profundas do Ribeirão do Iguape. Esta praia, posta assim ao alcance do planalto, apresentava um estuário profundo, largo e bem abrigado, o do Rio Cubatão, em Santos. Todas essas razões reunidas deram a primazia e cedo a exclusividade ao caminho São Paulo-Santos.

Mais ainda, São Paulo encontrava-se na extremidade meridional da grande barreira da Serra da Mantiqueira, réplica da Serra do Mar, mais elevada ainda e que tornava precárias as comunicações com o interior. Em São Paulo o caminho para o Norte, barrado a Leste numa extensão de mais de 500 quilômetros, acha-se enfim aberto na altura de Campinas e Mogi Mirim.

Assim, no Brasil tão pouco favorecido no que concerne às comunicações, a situação de São Paulo era excepcional; impôs aos homens vitória urbana tão extraordinária como a do Rio de Janeiro. Neste planalto elevado, desenvolveu-se um aparelho urbano cujo crescimento

rápido só é igualado pelo de Chicago ou de Sydney; a cidade duplica a sua população de quinze em quinze anos (26.000 em 1872; 70.000 em 1890; 240.000 em 1900; 380.000 em 1920; 1.000.000 em 1934). Essa população representa hoje 17 % da do Estado (apenas 3 % em 1872).

A função Esta cidade desempenhou na vida brasileira uma função singular. Fundada em 1532, foi a primeira aglomeração do interior, a primeira "boca de sertão". No resto do país a colonização continuava adstrita à faixa litoral, em terras baixas. Foi por São Paulo que os colonos tomaram posse do planalto e que os recém-chegados se familiarizaram com as terras altas do interior. A conquista dêste fez-se portanto por São Paulo. A cidade foi um ponto de partida, enquanto que o Rio era antes um ponto de chegada; extraordinárias expedições de paulistas, as bandeiras, exploraram, conquistaram e povoaram o Brasil; São Paulo é a cidade que fez o Brasil interior.

Seu papel no povoamento do país foi considerável. Por suas aventurosas expedições, os paulistas não só semearam em todo o interior os primeiros núcleos de colonização, como ainda atraíram, no século passado, para a exploração de suas terras de café, a maior onda de imigrantes que o Brasil já recebeu. Várias centenas de milhares de europeus foram trazidos para as fazendas paulistas, durante a segunda metade do século XIX, e esta nova leva assegurou a predominância definitiva e absoluta do elemento branco na composição étnica do país. As antigas culturas de litoral do século XVIII tinham feito pesar uma ameaça de africanização pelas grandes levas de escravos negros. Devese a São Paulo a europeização do povo brasileiro.

Esta cidade marcou assim muitas vezes as transformações importantes da história do Brasil. Há bem pouco tempo, ela tomou uma nova iniciativa de grande importância. Foi no seu território que apareceu um novo Brasil desconhecido, o Brasil industrial.

No decorrer do século XX e sobretudo após a grande guerra europeia, levantaram-se numerosas fábricas nos subúrbios; bairros inteiros surgiram florescentes. A paisagem industrial localizou-se em São Paulo ao longo do grande eixo de comunicação Norte-Sul, que é a razão de ser de São Paulo, junto à ferrovia de Santos a Jundiaí. As fábricas dependem em parte do estrangeiro, quanto ao abastecimento de matérias primas ou de combustíveis, sendo a vizinhança da via férrea indispensável. A indústria foi ao encontro do pôrto e isto explica a fortuna industrial de São Caetano, Santo André, São Bernardo. A indústria não desceu, contudo, do planalto para o próprio pôrto de Santos; o clima demasiado úmido e quente continua a ser um obstáculo ao trabalho de fábrica. Santos permanece essencialmente um pôrto de mercadorias, o segundo do Brasil, com um movimento marítimo de 9.600.000 toneladas, em 1934.

Hoje São Paulo apresenta mais de um milhão de habitantes sobre uma imensa área; bairros novos se inauguram cada ano e prevê-se uma expansão ainda maior, com os loteamentos que circundam a cidade.

Em tôrno da aglomeração, para assegurar seu abastecimento, multiplicaram-se, apesar da pouca fertilidade dos solos, pequenas culturas de legumes e de frutas. O sucesso dessas culturas no planalto elevado e salubre foi tal que deu logar a uma transformação do regime alimentar. A capital tem, atualmente, uma alimentação um pouco diversa da do resto do Estado; o legume desempenha ali um papel mais importante do que no interior. São Paulo tornou-se um grande centro horticultor; de uns anos para cá pôde-se assegurar uma exportação progressiva

para o Rio, para as cidades do interior e mesmo para o exterior (exportação de tomates, de batatas produzidas nas épocas que correspondem a pleno inverno no hemisfério norte).

O desenvolvimento da horticultura acarretou uma transformação do povoamento; em lugar das antigas fazendas decadentes, instalou-se a pequena cultura, tão rara no Brasil. Espanhóis, portugueses e mais recentemente japoneses, asseguraram esta nova colonização de gente pobre semi-urbana.

Tais fatos mostram a importância das iniciativas paulistas na evolução do Brasil. A fortuna desta cidade, não se deve, tanto a causas geográficas, como a um passado histórico, orientado por atos de vontade do homem. São Paulo pertence, por excelência, à família das "cidades de energia".

RESUMÉ — RESUMEN — RIASSUNTO — SUMMARY — ZUSAMMENFASSUNG — RESUMO

Le présent numéro de la revue continue à publier la monographie sur la géographie humaine du Brésil, élaborée par l'éminent Professeur P. Deffontaines, de l'Université du District Fédéral, située à Rio de Janeiro.

Deux autres chapitres sont également publiés, le chapitre II qui étudie l'effectif humain et sa distribution, et le chapitre III qui étudie les villes de Rio de Janeiro et São Paulo.

Dans l'étude de l'effectif humain, après avoir considéré la population brésilienne, dont les valeurs officielles au 31 décembre 1938 font partie du tableau également publié dans ce numéro, l'auteur détache deux concentrations: celle de la région littorale, la première colonisée dans le pays, où se développa une exploitation agricole ancienne; la zone centrale des Etats de Minas Gerais et São Paulo, où l'extraction des métaux et des pierres précieuses attira initialement une population nombreuse qui, ensuite, se voua également à une exploitation agricole intensive. Il distingue dans la population brésilienne diverses formes démographiques: la population de Minas Gerais, ancienne, de développement rapide et naturel; celle du Nord-Est, de développement plus lent en raison de l'émigration causée par les grandes sécheresses; celle des zones méridionales, dans les Etats de São Paulo, Paraná, Santa Catarina et Rio Grande do Sul, dont le climat tempéré et le sol fertile facilitèrent un développement extrêmement rapide, résultante aussi du grand afflux d'immigrants nationaux et étrangers; la population rare et de faible évolution dans les régions centrales du pays, Etats de Mato Grosso, Goiás et Amazone; celle de la zone littorale dans laquelle, à côté de la formation de grandes agglomérations urbaines, se vérifie le dépeuplement rural et des petites localités.

L'auteur affirme, à suivre, que la définition humaine d'un région est moins donnée par la répartition de la population ou par la distribution ethnique, mais surtout par la recherche des genres de vie, dont l'association intime assure l'exploitation du sol; de là l'importance de l'étude des personnages-types qu'il passe à examiner.

Il considère comme personnage dominant au Brésil le "Fazendeiro" (grand fermier, propriétaire d'une "Fazenda" (ferme très étendue) ou de grandes terres, et fait ressortir comment au Brésil, pays de grande étendue et de faible densité, il y a cette préoccupation de l'acquisition des terres dont les disponibilités sont actuellement très petites. Il passe ensuite à l'étude des fazendas, montrant la particularité d'être distincts ici les deux types de fazenda, celui des plantations et celui de l'élevage, le premier fréquent dans la zone littorale et le second dans la zone centrale du pays: la fazenda de plantations comprend trois éléments, l'un, la maison du Maître, ou "casa grande", généralement luxueuse, l'autre le "terreiro", terrasse pour sécher le café ou bonifier les produits, le troisième, la "Senzala", où s'agglomèrent les maisons des colons, qui constituent la main-d'oeuvre agricole; dans la fazenda d'élevage de bœufs, au contraire, le propriétaire n'y habite pas, et les maisons des colons sont espacées le long des champs et des pâturages, dont la délimitation pour éviter la fuite des animaux constitue le plus grand problème, la fazenda étant en général limitée par des cours d'eau, clôtures et fossés.

Un autre personnage-type important, intimement lié à la fazenda, est le colon que l'auteur étudie, et fait ressortir le régime du travail avec part dans la cueillette, ainsi que l'instabilité du colon qui est nomade jusqu'au moment où il arrive à être le maître d'une petite propriété, à laquelle il s'attache désormais.

Il montre l'influence de la fazenda dans la formation des villes: le fazendeiro fait don d'un terrain aux autorités ecclésiastiques, où se construit une église, véritable germe autour duquel vont s'édifier, petit à petit, les maisons d'habitation des fazendeiros et les maisons commerciales, jusqu'à se former une agglomération urbaine qui dans sa phase initiale mène un régime de vie dominicale, étant donné que c'est la Messe des Dimanches qui détermine le mouvement du hameau.

Il étudie encore, ensuite, un autre personnage-type le "mascate", vendeur ambulante, nomade, qui vend et achète des marchandises dans l'intérieur du pays, parcourant des distances énormes et des régions peu peuplées; il cite les trois ondes de mascates: les balanos (habitants de l'Etat da Baía) dans la période coloniale; les Italiens, venus surtout de la Calabre, à partir de 1880, dans le mouvement de colonisation des fazendas de café de l'Etat de São Paulo; les syriens, qui dominent aujourd'hui, disséminés par tout le pays.

En plus du fazendeiro, du colon et du mascate, qu'il considère personnages de l'intérieur organisé, l'auteur étudie le "Caboclo" ou "Caipira", élément intéressant du "sertão" (intérieur éloigné des côtes), qui vit en marge de l'activité économique, à bien dire isolé, éloigné des zones civilisées: métis, en lui les sangs blanc, indien et nègre se mélangent en proportions variées; il mène une vie simple et libre, s'alimentant de produits qu'il plante ou qu'il extrait des bois et de la forêt; assure son existence en travaillant quelques heures par semaine, n'a pas de nécessités, vit en dehors de l'activité économique, n'est pas misérable, c'est avant tout un contemplatif, un musicien, un danseur et surtout un narrateur.

Le "Caicara" est un type de caboclo du littoral, vit pour soi, tirant de la mer et de la forêt littorale les poissons et les fruits avec lesquels il s'alimente, en plus des produits d'une agriculture rudimentaire; les "caicaras" vivent en villages de 8 à 10 familles, qui suffisent à la manoeuvre des filets de pêche.

L'auteur étudie encore un personnage des villes, l'ouvrier, dont le numéro est appréciable en face du grand développement industriel du pays: il considère l'influence de l'ouvrier étranger qui se préoccupe beaucoup pour l'habitation, déclare que le régime du travail satisfait parce

qu'il n'y a pas de conflits sociaux dans le pays, détache l'esprit d'association moins pour nécessité de classe que pour diversion; et, quant aux ouvriers moins organisés, il commente l'intéressante habitation en "Favelas", buttes sans alignement de rues où ils construisent leurs maisons grossières, en bois et feuilles des Flandres, dans des terrains non occupés, y jouissant d'une température agréable et d'une vue merveilleuse.

L'auteur termine l'étude de l'effectif humain brésilien, considérant sa composition ethnique: il détache la grande majorité de blancs dans la population du Brésil, unique pays tropical où il advient ce fait; il explique le peu d'influence des habitants indigènes et autochtones, pour être relativement peu nombreux et nomades; il justifie le métissage facile des blancs, surtout avec la venue d'habitants des Açores et du Cap Vert, extraordinairement prolifiques, adaptés à un climat inclement et dont le bas niveau de vie permit tous contacts, toutes assimilations; il mentionne la levée d'immigrants européens qui, de 1822 à 1932, atteignit 4.300.000; et, conclue en disant que le Brésil possède 80 % de blancs dans sa population (actuellement supérieure à 40.000.000), quoique le moins important pays tropical de population blanche, qui possède les deux seules villes tropicales (Rio de Janeiro et São Paulo) de plus d'un million de blancs et que "le Brésil est la meilleure preuve de l'adaptation de la race blanche en pays tropical".

L'auteur, ensuite, commence le chapitre de sa monographie dans lequel il étudie les deux grandes villes brésiennes — Rio de Janeiro et São Paulo.

Quant à la ville de Rio de Janeiro, capitale du pays, il étudie initialement sa situation, détachant l'influence de sa topographie locale, qui, constituée de massifs élevés au milieu de petites plaines allongées, donne à la ville une forme spéciale. Il passe à définir la ville et, ne la considérant pas comme "ville de baie", comme l'on pourrait juger parce qu'elle entoure la belle baie de Guanabara, l'auteur définit Rio de Janeiro: 1) comme Ville-barrage, qui se développa en forme allongée dans la partie basse des grands et élevés contreforts montagneux; comme "Ville-cap", parce que ces contreforts arrivent jusqu'à la mer, les quartiers se succédant le long des plages, de sorte que la ville n'a pas la forme étale des grandes cités, mais bien une forme linéaire qui est exceptionnelle; 3) comme "ville-péninsule", parce que encerclée par la mer, la baie, la montagne et les marais qui lui établissent un isolement de conséquences profondes.

Il analyse la conquête urbaine: les travaux et les efforts pour vaincre les crues dans les plaines aux jours de pluie torrentielle; la conquête du double espace plat, par le terrassement des bords de la mer avec les terres provenant de l'arrasement des monts; la petite conquête de la montagne où, en général, les gens pauvres construisent leurs maisons grossières, rudimentaires, dont l'agglomération s'appelle "favela".

Il considère l'habitation, détachant le grand développement des dernières années dans la construction du gratte-ciel, précisant que l'importance de la question du vent est plus considérée que la propre exposition solaire des habitations.

Il examine l'important problème des communications: pour les urbaines, il détache les difficultés imposées par la topographie locale, avec passages forcés, points de concentration exagérée du trafic; quant aux communications avec l'intérieur du pays, il considère la barrière des montagnes de la "Serra do Mar", qui empêche la construction de lignes de chemin de fer et de routes à grand rendement.

Il étudie, enfin, le problème complexe de l'alimentation de la ville, où il existe environ 1.700.000 habitants: montre comment la viande et le lait viennent de l'intérieur, parcourant des distances énormes; il fait ressortir comment la ville est dépourvue de recours propres, et mentionne son influence sur les régions montagneuses voisines, où fleurit déjà une horticulture intéressante (Petropolis, Teresopolis, etc.).

Il termine l'étude sur la ville de Rio de Janeiro, la considérant une extraordinaire victoire urbaine.

L'auteur, à suivre, étudie la ville de S. Paulo, la seconde grande ville du Brésil, capitale de l'Etat de S. Paulo, située dans l'intérieur, avec une population d'environ 1.200.000 habitants.

Initialement il commente la situation de la ville, dans le plateau, après être vaincue la barrière de la Serra do Mar, à une altitude de 700 à 900 mètres; il explique la topographie locale, ondulée, de variations suaves; il montre que le climat est sévère, climat de "cime de montagne", très nébuleux et pluvieux et avec fréquents brouillards.

Il explique la forme de la ville, principalement pour être une dépression de la montagne Serra do Mar, à environ 800 mètres de hauteur, se tournant plus facile la conquête de la barrière de la haute montagne; et montre que le littoral est très proche de ce point, la plage confinant presque avec la montagne.

Il fait ressortir la fonction importante que joua la ville dans la conquête de l'intérieur du Brésil, comme "portail pour l'intérieur", par où passèrent les colons qui prirent possession du plateau brésilien. "São Paulo est la ville qui fit le Brésil intérieur", affirme l'auteur.

Il étudie, après, l'influence de S. Paulo dans l'euro périsation de la population brésilienne, en raison du courant d'immigrants européens établi par l'Etat à partir du XIXème siècle, en contreposition au courant africain du XVIIIème siècle, surtout localisé sur le littoral.

Il détache le rôle de São Paulo dans le surgissement de l'industrie du pays, présentant la ville comme étant aujourd'hui le centre industriel le plus important de l'Amérique du Sud.

Il montre le développement dans cette ville de la production des produits d'alimentation, surtout de l'horticulture.

Il termine en disant que, comme Rio de Janeiro, São Paulo représente aussi une victoire urbaine, parce que dans l'évolution de la ville l'effort humain a la plus grand part, et affirme, finalement, que "São Paulo appartient, par excellence, à la famille des villes d'énergie".

El presente numero de la Revista continúa a publicar la monografía sobre Geografía Humana del Brasil, elaborada por el eminente Prof. P. Deffontaines, de la Universidad del Distrito Federal, sita en la ciudad de Rio de Janeiro.

Son publicados más dos capítulos, el capítulo II que estudia el efectivo humano y su distribución y el capítulo III que estudia las ciudades de Rio de Janeiro y São Paulo.

En el estudio del efectivo humano, despues de considerar la población brasileña, cuyos valores oficiales para 31 Diciembre 1935 resultan del cuadro tambien publicado en este numero, el Autor distingue dos concentraciones: la de la región del litoral, la primera colonizada en el país, donde se desarrolló una explotación agrícola antigua; la zona central de los Estados de Minas Gerais y São Paulo, donde la extracción de metales y piedras preciosas ha atraído inicialmente una numerosa población, que despues tambien se dedicó a la explotación agrícola intensiva.

Distingue en la población brasileña varias formas demográficas; la población de Minas Gerais, antigua, de crecimiento rápido y natural; la del Nordeste, de crecimiento menos rápido debido a la emigración causada por las grandes sequías; de las zonas meridionales en los Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, cuyo clima temperado y suelo fértil han facilitado un crecimiento extremadamente rápido, resultante tambien del grande aflujo de inmigrantes nacionales y extranjeros; la población escasa y de pequeña evolución en las regiones centrales del país, Estados de Mato Grosso, Goiás, Amazonas; la de la zona litoral, donde al lado de la formación de grandes aglomeraciones urbanas, se verifica la despoblación rural y de las pequeñas localidades.

El Autor después afirma que la definición humana de una región es dada, no tanto por la repartición de la población ó por la distribución étnica, pero, sobretudo, por la pesquisa de los generos de vida, cuya asociación íntima asegura la explotación del suelo; de ello resulta la importancia del estudio de los personajes tipos, que pasa a examinar.

Considera en el Brasil como personaje dominante el hacendado, propietario de una hacienda ó grande tierra, y distingue como, en el Brasil, país muy extenso y de densidad demográfica muy pequeña, hay la preocupación de la adquisición de las tierras que, disponibles, son pocas. — Pasa, después, al estudio de las haciendas, mostrando la particularidad que son aquí distintos los dos tipos de hacienda, el de labranza y el de cria de ganado, el primero frecuente en la faja del litoral y el segundo en la zona central del país; la hacienda de labranza comprende tres elementos: uno, la casa del dueño, la "casa grande" generalmente lujosa; otro, el "terreiro", terrazo para secar café ó beneficiar productos; tercero, la "senzala" donde se aglomeran las casas de los colonos, que constituyen la mono de obra agrícola; en la hacienda de cria de ganado, al contrario, el propietario no reside y las casas de los colonos son separadas al longor de los campos y pasturajes, cuya delimitación, para evitar la huida del ganado, constituye el mayor problema, siendo la hacienda en general limitada por cursos de agua, setos, valles etc.

Otro personaje — tipo importante, íntimamente ligado à la hacienda es el colono — que el Autor estudia, distinguiendo el regimen de trabajo con participación en la cosecha, y la instabilidad del colono, que es nomada hasta que llegue a ser el propietario de un pequeño sitio, al cual, entonces, se radica.

Muestra la influencia de la hacienda en la formación de las ciudades; el hacendado hace donación à las autoridades eclesiásticas de un terreno, donde se edifica la Iglesia, verdadero germen al rededor del cual, a poco y poco, se van edificando casas para hacendados y casas comerciales, hasta que se forme una aglomeración urbana que, en su fase inicial, tiene un regimen de vida dominical, pues la misa, los Domingos, es lo que determina el movimiento en la localidad.

Estudia después un otro personaje, el "mascate" — vendedor ambulante — nomada, quien vende y compra mercaderías en el interior del país, recorriendo distancias enormes y regiones poco pobladas; cita las tres ondas de "mascates": los bahianos (del Estado de Bahia), en el período colonial; los italianos, venidos sobretudo de la Calabria, después del año de 1880, en el movimiento de colonización de las haciendas de café de São Paulo; los sirianos quienes, hoy día, dominan, diseminados por todo el país.

Además del hacendado, del colono y del "mascate" que considera personajes del interior organizado, el Autor estudia el "caboco" ó "calpira" (campesino rustico) — interesante elemento del "sertão", que vive en margen de la actividad económica, — a bien decir aislado — apartado de las zonas civilizadas; mestizo, en él se mezclan las sangres del blanco, del indio y del negro, en proporciones diversas; lleva una vida simple y libre, alimentase de los productos que planta ó que extrae del bosque y de la floresta, en algunas horas de trabajo por semana asegura su subsistencia, no tiene necesidades, vive fuera de la actividad económica, no es miserable, es, mejor, un contemplativo, un musicista, un danzarino y, sobretudo, un narrador.

El "caicara" es un tipo de caboco del litoral, vive para sí, sacando del mar y de la floresta del litoral frutas y pescados para su alimentación, además de los productos de una agricultura rudimental; los caicaras viven en aldeas de ocho a diez familias, cuanto basta para el manejo de la red de pesca.

Al Autor estudia todavía un personaje de las ciudades — el operario — cuyo numero es apreciable en relación al grande desenvolvimiento industrial del país; considera la influencia del onerario extranjero, que mucho se preocupa con la habitación, declara que el regimen de trabajo satisfaz porque en el país no hay conflictos sociales; distingue el espíritu asociativo, menos por necesidades de clase que por diversión, y, en cuanto à los operarios menos organizados, comenta la interesante habitación en "favelas", morros sin rúas donde edifican sus casas rústicas, de palos y de hojas de Flandres, en terrenos no ocupados, adonde la vista es deslumbradora y la temperatura muy agradable.

El Autor termina el estudio del efectivo humano brasileño considerando su composición étnica; distingue la grande mayoría de blancos en la población del Brasil, unico país tropical donde esto se nota; explica la poca influencia de los habitantes indígenas autoctonos, porque son relativamente poco numerosos y nomadas; justifica el mestizaje fácil de los blancos, sobretudo con la venida de los habitantes de los Azores y del Cabo Verde, extraordinariamente prolíficos, adaptados à un clima inclemente y cuyo nivel de vida bajo permitió todos los contactos, todas las asimilaciones; refiere a la leva de inmigrantes de Europa que, de 1822 hasta 1932 alcanzó 4.300.000; y concluye diciendo que el Brasil posee 80 % de blancos en su población actualmente superior a 40.000.000, que es el más importante país tropical de población blanca, que posee dos ciudades unicas (Rio de Janeiro y São Paulo) tropicales, con más de un millón de blancos y que el "Brasil es la mejor prueba de la adaptación de la raza blanca en un país tropical".

El Autor, después empieza el capítulo de su monografía donde estudia las grandes ciudades brasileñas — Rio de Janeiro y São Paulo.

Respecto à la ciudad de Rio de Janeiro, capital del país, estudia inicialmente su situación, distinguiendo la influencia de la topografía local que, constituida por macizos elevados nel medio de llanuras pequeñas y alongadas, da à la ciudad un aspecto especial.

Pasa a definir la ciudad, considerandola no como "ciudad de bahía", como se podría juzgar porque circunda la bella Bahía de Guanabara; el Autor define Rio de Janeiro: 1) como "ciudad-barrera", que se desenvolvió en forma alongada, en la parte baja de los grandes y altos contrafuertes montañosos; 2) como "ciudad-cabo", porque los contrafuertes llegan hasta el mar, sucediendose los barrios al longor de las playas, de manera que la ciudad no tiene la forma estelar de las grandes ciudades, però sí la forma linear, lo que es excepcional; 3) como "ciudad península", porque es cercada por el mar, la bahía, la montaña y el pantano, determinando un aislamiento de consecuencias profundas.

Analisa la conquista urbana; los trabajos y esfuerzos para vencer las crecientes de las llanuras en los días de lluvias torrenciales; la conquista de doble espacio llano, con relleno del mar con tierras de desmonte de morros; la pequeña conquista de montaña, donde en general mora la gente pobre que construye casas rústicas, rudimentales, cuya aglomeración se llama "favela".

Considera la habitación, distinguiendo el grande desenvolvimiento de los últimos años de la construcción de "rasa-cielos" y distingue la importancia del viento, que es más considerado que la propia exposición solar de las habitaciones.

Examina el importante problema de las comunicaciones: respecto à las urbanas, distinguiendo las dificultades impuestas por la topografía local, con pasajes forzadas, trechos de concentración exagerada del tráfico; respecto à las comunicaciones con el interior del país, considera la barrera de la Sierra del Mar, que impede el establecimiento de ferro-carriles y rodovias de grande rendimiento.

Estudia, en fin, el complejo problema de la alimentación de la ciudad, donde existen cerca de 1.700.000 habitantes; muestra como la carne y la leche vienen del interior, venciendo distancias enormes, distingue como la ciudad se halla desprovista de recursos propios y menciona la influencia de la ciudad en las regiones montañosas proximas donde ya empieza una horticultura interesante (Petropolis, Terezopolis).

Finaliza el estudio sobre la ciudad de Rio de Janeiro, considerandola una extraordinaria victoria urbana.

El Autor, después estudia la ciudad de São Paulo, la segunda grande ciudad del Brasil, capital del Estado de São Paulo, situada en el interior, con una población de cerca de 1.200.000 habitantes.

Inicialmente comenta la situación de la ciudad, en el planalto, después de vencida la barrera de la Sierra del Mar, a una altitud de 700 a 900 metros; explica la topografía local, ondulada, de variaciones suaves; muestra que el clima es severo, clima "de alto de sierra" de nebulosidad y lluviosidad accentuadas y de neblina frecuente.

Explica la formación de la ciudad, principalmente porque se encuentra en una depresión de la Sierra del Mar, a cerca de 800 metros de altura, haciéndose más fácil la conquista de la barrera de la alta montaña; y muestra que el litoral en aquel punto está muy próximo, la playa casi confina con la montaña.

Distingue la importante función que desarrolló la ciudad en la conquista del interior del Brasil, como primera "boca del sertão" por adonde pasáran los colonos, que tomarán pose del planalto brasileño. "São Paulo es la ciudad que hizo el Brasil interior", afirma el Autor.

Estudia después la influencia de São Paulo en la europeización de la población brasileña, gracias a las corrientes de inmigrantes europeos que esa ciudad promovió a partir del siglo XIX, en contraposición con la corriente africana del siglo XVIII, localizada sobretodo en el litoral.

Distingue el papel de São Paulo en el surgimiento de la industria nel país, presentando hoy la ciudad el más importante parque industrial de Sud-América.

Muestra el desenvolvimiento en la propia ciudad de la producción de los productos de alimentación, sobretodo los de la horticultura.

Finaliza diciendo que, como el Río de Janeiro, São Paulo representa también una victoria urbana, porque en la evolución de la ciudad hallase mucho esfuerzo humano, y termina afirmando "São Paulo pertenece por excelencia a la familia de las ciudades de energía".

Questo numero della Rivista continua a pubblicare la monografia sulla Geografia Umana del Brasile, elaborata dall'eminente Prof. P. Deffontaines, dell'Università del Distretto Federale, che ha la sede nella città di Rio de Janeiro.

Se ne pubblicano altri due capitoli, il II°, che studia l'effectivo umano e la sua distribuzione, ed il III° che studia le città di Rio de Janeiro e di São Paulo.

Nello studio sull'effectivo umano, dopo di considerer la popolazione brasiliana, i cui valori ufficiali al 31 dicembre 1938 constano dal quadro pur pubblicato in questo numero, l'autore ne mette in rilievo due concentrazioni; quella della regione litoranea, la prima colonizzata, dove si svolse un'antica lavorazione agricola; e quella della zona centrale, degli Stati di São Paulo e Minas Gerais, dove l'estrazione dell'oro e delle pietre preziose attrasse inizialmente numerosa popolazione, che successivamente si dedicò pure all'industria agricola intensiva.

Distingue nel popolamento del Brasile varie forme demografiche: il popolamento di Minas Gerais, antico, d'aumento rapido e naturale; quello del Nordeste, d'aumento meno rapido per causa dell'emigrazione determinata dalle grandi secche; quello delle zone meridionali, negli Stati di São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, il cui clima temperato ed il cui suolo fertile facilitarono un aumento straordinariamente rapido, che fu puro prodotto dal grande afflusso d'immigranti nazionali e stranieri; il popolamento scarso e di piccolo sviluppo nelle regioni centrali del Paese, Stati di Mato Grosso, di Goyaz e dell'Amazzonas; quello della zona del litorale, dove, accanto alla formazione di grandi agglomerazioni urbane, si verifica lo spopolamento della campagna e delle piccole località.

In appresso l'autore afferma che la definizione umana d'una regione è data non tanto dalla repartizione della popolazione o dalla sua distribuzione etnica, ma sopra tutto dalla ricerca dei modi di vita, la cui intima associazione assicura lo sfruttamento del suolo. Da ciò l'importanza dello studio dei personaggi tipici, che passa ad esaminare.

Considera nel Brasile come personaggio predominante — il "fazendeiro" — proprietario di una "Fazenda" o grande terra, e mette in rilievo che in Brasile, paese estesissimo e di densità demografica piccola, c'è la preoccupazione d'acquistar terreni e ce n'è pochissimi disponibili. Fassa quindi allo studio delle "fazendas", mostrandone la particolarità di essere qui distinte in due tipi, l'agricolo e quello dell'allevamento di bestiame, il primo frequente nella fascia del litorale, il secondo nella zona centrale del Paese. La "fazenda" agricola è costituita di tre elementi: 1° — la casa del padrone, la "casa grande", generalmente abitazione di gran lusso; 2° — l'aria, spazzato per seccare il caffè o trattare altri prodotti; 3° — la "senzala", dove sono agglomerate le case dei coloni che costituiscono la mano d'opera agricola. Invece nella "fazenda" d'allevamento di bestiame, non risiede il proprietario e le case dei coloni sono sparse ne' campi ed i prati, la cui delimitazione, per evitare la fuga del bestiame, costituisce problema massimo; generalmente la "fazenda" è circoscritta da corsi d'acqua, da siepi, da fossati.

Un altro personaggio — tipo importante, intimamente legato alla vita della "fazenda" — è il colono, che l'autore studia mettendo in rilievo il regime del lavoro con la divisa del raccolto, l'instabilità del colono che è nomade finché non diviene padrone d'una piccola proprietà, nella quale si radica.

Esponde l'influenza della "fazenda" nella formazione delle città; il "fazendeiro" fa la donazione alle autorità ecclesiastiche di un terreno, dove viene costruita la chiesa, vero germe attorno al quale, a poco a poco, si vanno edificando abitazioni per "fazendeiros" e case commerciali sino a costituirsi l'agglomerazione urbana, che nella sua fase iniziale ha regime domenicale di vita, giacché è la messa della Domenica che determina il movimento nel borgo.

Dopo, studia un altro personaggio tipico, il "mascate", venditore ambulante, nomade, che vende e compra merci nell'interno del Paese, percorrendo enormi distanze e regioni poco popolate; cita le tre ondate di "mascates": i baiani (nello Stato di Baía) durante il periodo coloniale; gli italiani, provenienti specialmente dalla Calabria, a cominciare dal 1880, nel movimento della colonizzazione delle "fazendas" di caffè in São Paulo; i sirii, che oggi dominano sparsi per tutto il paese.

Oltre il "fazendeiro", il colono ed il "mascate", che l'autore considera personaggi dell'interno già organizzato, l'autore studia il "caboclo" o "caçapira", interessante elemento del "sertão", che vive al margine dell'attività economica, quasi isolato, lontano dalle zone civilizzate; meticcio, in lui il sangue bianco, l'indio, il negro sono mischiati in varie proporzioni; conduce vita semplice e libera, alimentandosi di prodotti che coltiva o che tira dalla macchia o dalla selva; alcune ore di lavoro per settimana gli assicurano la sussistenza; non ha bisogni, vive al di fuori dell'attività economica, non è miserabile, è piuttosto un sognatore, un musicista; è danzatore e discorritore.

Il "caçara" è un tipo di caboclo del litorale, che vive da se, tirando dal mare e dal bosco litoraneo frutti e pesci coi quali vive oltre che con il raccolto della sua rudimentale agricoltura. I "caçaras" vivono in villaggi di 8 o 10 famiglie, quante bastano per il maneggio di reti da pesca.

L'autore studia anche un personaggio delle città — l'operaio — il numero ne è rilevante a causa del grande sviluppo industriale del paese. Esamina l'influenza dell'operaio straniero, che si preoccupa molto della sua abitazione; afferma che il regime di lavoro è soddisfacente giacché non si verificano conflitti sociali; accenna allo spirito associativo più che per bisogni di classe determinato da fini di divertimento; e quanto agli operai meno organizzati, commenta l'interessante loro residenza in "favelas", colline senza vie dove costruiscono le loro rozze abitazioni di legname e di zinchi su terreno non occupato e dove godono una temperatura gradevole ed un panorama meraviglioso.

L'autore termina lo studio dell'effettivo umano brasiliano prendendo in esame la sua costituzione etnica; mette in rilievo la grande maggioranza di bianchi nella popolazione del Brasile, unico paese tropicale in cui questo succede; spiega la poca influenza degli abitanti indigeni, autoctoni, perché sono relativamente poco numerosi e nomadi; giustifica la facilità del bianco ad incrociarsi specie con l'arrivo degli isolani delle Azzorre e del Capo Verde, straordinariamente prolifici, adattati ad un clima inclemente, di un livello assai basso di vita, che gli ha permesso tutti i contatti e tutte le assimilazioni; ricorda la leva di immigranti europei che nel decennio dal 1822 al 1932 raggiunse 4.300.000; e conclude dicendo che il Brasile ha 80 % di bianchi nella sua popolazione (attualmente superiore ai quaranta milioni), che è il più importante paese tropicale di popolazione bianca, che possiede le due uniche città tropicali (Rio de Janeiro e São Paulo) di più che un milione di bianchi e che "il Brasile è la migliore prova dell'adattamento della razza bianca al clima tropicale".

L'autore nel seguente capitolo della sua monografia studia le grandi città brasiliane: Rio de Janeiro e São Paulo.

Quanto alla città di Rio de Janeiro, Capitale del paese, principia dallo studiare la sua posizione, rilevando la influenza della topografia locale, che, costituita da massicci ergentisi in mezzo di piccole ed allungate pianure, dà alla città un aspetto speciale. Passa a definire la città e, considerandola non come città di golfo, come si potrebbe pensare giacché giace tutt'attorno al bel golfo del Guanabara, la definisce: 1°) — come "città-sbarramento", che si sviluppa in forma allungata al basso dei grandi ed elevati contrafforti montani; 2°) — come "città-promontorio" perché i contrafforti arrivano sino al mare, sviluppandosi il fabbricato lungo le spiagge, sicché la città non assume forma stellare ma si forma lineare, ciò che è eccezionale; 3°) — come "città penisola", essendo circondata da mare, dal golfo, da montagne, da paludi, che ne determinano l'isolamento di serie conseguenze.

Analizza la conquista urbana; i lavori e gli sforzi per eliminare l'inondazione delle pianure in occasione di piogge torrenziali; la conquista del raddoppiato spazio piano coll'interamento del mare con materiale tirato dallo spianamento delle colline; la piccola conquista della montagna, su cui in generale vive gente povera, che costruisce case rozze, rudimentali, la cui agglomerazione è chiamata "favela".

Prende in esame il fabbricato, mettendo in rilievo il grande sviluppo, negli ultimi anni, della costruzione di "gratta-cieli"; fa risaltare l'importanza del vento, che viene tenuta in vista più della stessa esposizione solare delle costruzioni.

Esamina l'importante problema delle comunicazioni: quanto a quelle urbane fa risaltare le difficoltà create dalla topografia locale, con passaggi obbligatori e punti di concentrazione di movimento esagerato; quanto alle comunicazioni con l'interno del paese, considera la barriera della Serra do Mar grande ostacolo all'impianto di ferrovie e di strade rotabili di molto rendimento.

Infine studia il complesso problema dell'alimentazione della città dove esistono circa 1.700.000 abitanti; espone come la carne ed il latte vi giungano dall'interno superando enormi distanze; rileva che la città è priva di risorse proprie ed accenna all'influenza che la città comincia ad avere nelle vicine regioni montane, dove si sta iniziando un'interesse orticoltura (Petropolis, Teresopolis ecc.).

Lo studio su Rio de Janeiro termina con l'affermazione che essa costituisce una straordinaria vittoria urbana.

Dopo l'autore studia la città di São Paulo, la seconda grande città del Brasile, Capitale dello Stato di São Paulo, situata nell'interno, con una popolazione di circa 1.200.000 abitanti.

Commenta inizialmente la posizione della città, sull'altipiano, dopo superata la barriera della Serra do Mar ad un'altitudine da 700 a 900 metri; spiega la topografia locale, dolcemente ondulata; dimostra che il clima ne è severo, clima "de alto da serra" (d'alta montagna), nuvoloso, accentuatamente piovoso, nebbioso di frequente.

Spiega la formazione della città, specie per trovarsi in una depressione della Serra do Mar, a circa 300 metri d'altitudine, risultandone più facile la conquista della barriera dell'alta montagna; e mostra che in quel punto il litorale si trova molto vicino, la spiaggia quasi confinando con la montagna.

Mette in evidenza l'importante funzione che la città disimpegnò nella conquista dell'interno del Brasile come prima imboccatura del "sertão" per dove passarono i colonizzatori che presero possesso dell'altipiano brasiliano. "São Paulo, afferma l'autore, è la città che creò l'interno del Brasile".

Passa a studiare l'influenza di São Paulo nell'europizzazione della popolazione del Brasile, grazie alla corrente di immigranti europei che promosse a cominciare dal XIX secolo, in contrapposizione alla corrente africana del secolo XVIII, localizzata specialmente lungo il litorale.

Mette in distacco la parte di São Paulo nella creazione dell'industria nel paese, rappresentando oggi il più importante nucleo industriale dell'America del Sud.

Accenna allo sviluppo, nella stessa città, dei prodotti alimentari specie orticoli.

Termina affermando che São Paulo, alla pari di Rio de Janeiro, rappresenta una vittoria urbana, perché nello sviluppo della città concorse molto sforzo umano, ed affermando che "São Paulo appartiene per eccellenza alla famiglia delle città d'energia".

The present number of the "Revista" continues to publish the monograph on "Human Geography of Brazil" elaborated by the eminent Professor P. Deffontaines, of the University of the Federal District, located in the city of Rio de Janeiro.

Two more chapters are inserted, the II which studies the human effective and its distribution and the III which studies the city of Rio de Janeiro and São Paulo.

In studying the human aggregate, after considering the Brazilian population, whose official figures for December 31, 1938, appear on a table also published in this issue, the author points out two concentrations: that of the coast region, the first to be colonized in the country, where an old agricultural exploitation was developed, and the central zone of the States of Minas Gerais and São Paulo, where the metalliferous mining and extraction of precious stones attracted in their early stages a numerous population, which, afterwards, also engaged in intensive agricultural farming.

He distinguishes in the peopling of Brazil various demographic forms: the old, rapidly growing and natural peopling of Minas Gerais; that of the Northeast, of a less rapid growth due to emigration caused by the heavy droughts; that of the meridional zones, in the State of São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, in which both the temperate climate and the fertile soil contributed for an extremely rapid increase still enhanced by the great influx of national and alien immigrants; the slackened rate of growth of population and of the under-developed central regions of the country, States of Mato Grosso, Goiás, Amazonas; that of the Coast zone, in which on a par with the formation of large urban agglomerations occurs the unpeopling of the rural areas and small localities.

The writer then holds that the human definition of a region is given, not so much by the grouping of the population or by the distribution of the ethnic stocks, but chiefly by investigating the mode of living, whose close association ensures the soil exploitation; thence the importance of the study of the type-personages which he passes to survey.

He considers as a dominating type-personage in Brazil — the farmer —, owner of a farm or of a large portion of land, and stresses how in Brazil, a widely extensive country with a very small density of population, there is the concern for purchasing lands of which very few

are available. He then proceeds to the study of the farms, showing the particularity of two types of farming being distinct here, that of crop-cultivation and that of stock-raising, the first frequent along the coast strip and the second in the central zone of the country. The plantation farm comprises three elements, one, the owner's home, the "large house" generally luxurious, the other, the "terreiro", a terrace for drying coffee or to improve products, the third, the "senzala", the surrounding area with the agglomerated houses of the colonists who provide the agricultural manual labour. In the cattlebreeding farm, on the contrary, the owner does not live in the premises and the houses of the colonists are separated throughout the fields and pasture lands. Here the greatest problem is the fencing to keep cattle from straying, the limits of the farm being generally set by water courses, fences, ditches.

Another type-personage, closely attached to the farm is — the colonist — whom the author studies emphasizing the tenant farming system and the instability of the colonist who is a nomad until he becomes the owner of a small property to which he gets radicated.

He shows the influence of the farm in building up cities. The farmer makes a donation to the ecclesiastical authorities of a piece of ground where a church is erected, a veritable cell around which little by little the farmers' homes and shop-houses are built until the urban agglomeration is formed. In its initial stage the life here follows almost a Sunday routine since the Mass is what keeps the place alive.

Next he studies another type-personage — the "mascate", a wandering peddler who sells and buys all kinds of things in the interior of the country, travelling long distances and through regions scarcely populated; he quotes the three flows of peddlers: the Baianos (State of Bahia) during the colonial period; the Italians, chiefly those that came from Calabria after 1830 when a movement was on for colonizing the coffee farms of São Paulo, and the Syrians who dominate today all over the country.

Besides the farmer, the colonist and the peddler, whom the author considers type-personages of the organized interior, he studies — the "caboclo" or "caipira" —, one of the forest and an interesting hinterlander who lives aside from the economic activity, an insulated element away from the civilized zones, so to speak: mestizo, his blood is of white, Indian and Negro strains mixed in various proportions; he has free and simple habits, feeding on produce that he plants or which he gathers from the woods and forest; few hours of work in a week provide him with enough for his living, he has no necessities, he goes on outside the economical life, he is not mean and is rather given to contemplation and to music; he is a dancer and above all a teller of tales.

The "caçara" is a sort of a "caboclo" of the coast, living for himself, getting from the sea and from the coast forest fruits and fish to feed on, besides the products of a rudimentary agriculture; the "caçaras" live in hamlets of 8 to 10 families, a sufficient number for handling the nets.

The author studies further a type-personage of the cities — the "worker" — quite considerable in number due to the great industrial development of the country. He considers the influence of the alien worker, who is much concerned with his habitation, and says that the working system is satisfactory because in the country there are no social conflicts. He points out the worker's spirit to associate not so much for class requirements as for amusements; and, as to the less organized workers, he comments on the interesting inhabitation in "favelas", mountains without any street planning where they lay their hovels and build their wretched houses with pieces of wood and tin plate over unoccupied ground, wherefrom they enjoy agreeable temperature and a dazzling view.

The author finishes the study of the Brazilian human aggregate by considering its ethnic composition. He points out the great majority of whites in the population of Brazil, the only tropical country where this occurs. He explains the small influence of the autochthonal native inhabitants, for they are nomads and relatively not numerous, and he justifies the easy mestizo-breeding of the whites, chiefly with the coming of extraordinarily prolific settlers from the Azores and Cape Verde Islands. These were adapted to a severe climate, and their low standard of living made possible all contacts and all assimilations. He mentions the influx of European immigrants which, from 1822 to 1932, attained 4,300,000, and concludes by saying that, Brazil possesses 80 % of whites in its population (presently totaling over 40,000,000), that it is the most important tropical country of white population, that it has the only two tropical cities (Rio de Janeiro and São Paulo) of over one million whites and that "Brazil is the best evidence of the adaptation of the white race to a tropical country".

The author begins next the chapter of his monograph wherein he studies the two large Brazilian cities — Rio de Janeiro and São Paulo.

As to the city of Rio de Janeiro, the capital of the country, he examines first its situation, pointing out the influence of the local topography, which, constituted of high massifs in the midst of small elongated plains, gives a special appearance to the city. He then passes to define the city, and by considering it not as a "bay-city", as it might be thought of, because it surrounds the beautiful Guanabara Bay, the author defines Rio de Janeiro: 1) as a "barrier-city", which has developed in an elongated form, at the lower part of the large and high mountainous ridges; 2) as a "cape-city", because the ridges reach the sea, the districts of the city lying successively along the beaches, so that the city has not the stellate form of the large cities, but the linear form which is exceptional; 3) as a "peninsula-city", because it is surrounded by the sea, the mountain and the bog which impart to it an insulation of profound consequences.

He analyses the urban conquest: The labour and efforts to overcome the floods of the plains in days of heavy rains; the conquest of a doublefold plain area with reclaimed land filled up with earth from the levelling of the mountains; the small conquest of the hills, where the poor people generally live and build their rudimentary hovels in agglomerations called "favelas".

He considers the habitation, emphasizing the great development in the last few years of sky-scrapers building, and pointing out the importance of the wind, which is taken into consideration more than the actual exposure of the habitation to the sun.

He examines the complex problem of the means of communication. As to the urban transport, he points out the difficulties caused by the local topography with forced passages and sections of exaggerated concentration of traffic; as to the communication with the interior of the country, he considers the barrier of the Serra do Mar as a hindrance to the establishment of swift railways and first-class highways.

He finally studies the important problem of food supply to the city, numbering about 1,700,000 inhabitants. He shows how meat and milk come in from the interior over enormous distances and points out the city's lack of resources for supplying itself. He also mentions the city's influence over the mountainous regions nearby where an interesting horticulture flourishes now (Petropolis, Teresopolis, etc.).

In finishing the study on Rio de Janeiro, he considers this city an extraordinary urban victory.

The author then proceeds to examine the conditions of the interior city of São Paulo, the second largest city in Brazil, capital of the State of São Paulo, with a population of about 1,200,000 inhabitants. Initially he comments on the situation of the city in the plateau, after passing over the barrier of Serra do Mar, at an altitude of 700 to 900 meters. He explains the local smoothly undulating topography, and shows that the climate is severe, a "mountain height" climate of marked fog an rainfall and frequent mist.

He explains its formation, chiefly because it is on a depression of the Serra do Mar, about 300 meters high, whence it is easier to surmount the barrier of the high mountain. He shows that the coast is very close at that point and the beach almost confines with the mountain.

He stresses the important rôle played by São Paulo in the conquest of the interior of Brazil as the first "hinterland portal" through which have passed the colonists who took possession of the Brazilian plateau. "São Paulo is the city that made the inland Brazil", the author affirms.

Next he studies the influence of São Paulo over the Europeanizing of the Brazilian population, thanks to the flow of European settlers, which the State promoted since the nineteenth century in contraposition to the African flow of the eighteenth century, located mostly on the coast.

São Paulo's remarkable share in the raising of the industry of the country is emphasized by the author. The city today is the most important industrial centre of South America.

He shows the development in the city itself of foodstuff production, chiefly orchard products, and concludes by saying that, like Rio de Janeiro, São Paulo represents also an urban victory, because in the evolution of the city there is much human endeavour. The author ends his work stating that "São Paulo belongs par excellence to the family of the thriving cities".

Das vorliegende Heft der Zeitschrift faehrt fort, die von dem hervorragendem Professor P. Deffontaines der in der Stadt Rio de Janeiro gelegenen Universitaet des Bundesdistriktes herausgegebene Monographie ueber die Voelkergeographie zu veroeffentlichen.

Es sind weitere zwei Kapitel erschienen; das zweite Kapitel behandelt die Bevoelkerungsdichte und ihre Verteilung, das dritte Kapitel handelt von den Staedten Rio de Janeiro und São Paulo.

Bei der Untersuchung ueber die Bevoelkerungsdichte kennzeichnet der Verfaesser, nachdem er Betrachtungen ueber die brasilianische Bevoelkerung angestellt hat, deren amtliche Ziffern fuer den 31. Dezember 1938 als Stichtag aus einer ebenfalls in dieser Nummer veroeffentlichten Uebersicht hervorgehen, zwei Dichtezentren: Das Kuestengebiet, die erste kolonisierte Zone des Landes, wo sich eine seit langem bestehende Feldbestellung entwickelte; eine zentrale Zone der Statten Minas Gerais und São Paulo, wohin der Abbau von Erzen und Edelmetallen urspruenglich zahlreiche Menschen zog, die sich spaeterhin auch einer emsigen landwirtschaftlichen Taetigkeit widmeten.

Er unterscheidet innerhalb der brasilianischen Bevoelkerung verschiedene Volkstypen: die Bewohner von Minas Gerais, alteingesessene, deren Zahl rasch und gleichmaessig waechst; die Bewohner des Nordostens, welche weniger rasch zunehmen wegen der durch die grossen Trockenzeiten bedingten Auswanderung; die der suedlichen Gebiete, in den Staaten São Paulo, Paraná, Santa Catarina und Rio Grande do Sul, deren gemaessigtes Klima und fruchtbarer Boden einer ausserordentlich raschen Zunahme Vorschub leisteten, was auch auf den grossen Zustrom von einheimischen und fremden Einwanderern zureckzufuehren ist; die spaerliche und in langsamer Entwicklung begriffene Bevoelkerung in den zentralen Teilen des Landes, naemlich in den Staaten Minas Gerais, Golas, Amazonas; die der Kuestenzone, wo neben Anhueufung in Staedten eine verschwindend geringe Bevoelkerung in den laendlichen Zonen und kleinen Ortschaften festzustellen ist.

Der Autor sagt dann, dass das Gesicht des Menschen einer bestimmten Region nicht so sehr durch die Einteilung der Bevoelkerung oder durch ihre ethnische Verteilung bestimmt wird, als vor allem durch die Erlangung alles zur Lebenshaltung Erforderlichen, dessen innige Wechselbeziehungen auf die Ausbeutung des Bodens hinfuehrt; hieraus ergibt sich die Bedeutung des Studiums der typischen Vertreter, in das er jetzt eintritt.

Er betrachtet als einen in Brasilien vorherrschenden Vertreter den "fazendeiro" (Farmer), den Besitzer eines Gutes oder grosser Bodenflaechen, und hebt hervor, wie in Brasilien, einem Lande von ungeheurer Ausdehnung, und geringer Bevoelkerungsdichte, das Bestreben, Land zu erwerben, vorhanden ist, wenngleich dies nur in geringem Masse zur Veruegung steht. Dann wendet er sich der Untersuchung der Gueter zu, von denen zwei verschiedene Typen unterschieden werden muessen: der, auf welchem vor allem Bodenkultur und jener, wo Viehzucht getrieben wird; der erste findet sich mehr im Kuestengebiet, der letztere im Innern des Landes. Ein Gut der ersten Art besteht aus dem Herrenhaus, dem "grossen Hause", das gewoehnlich reich ausgestattet ist, aus dem "terreiro" (Trockenplatz), einer Terrasse, die zum Trocknen des Kaffees und anderer Erzeugnisse dient, drittens aus der "senzala" (Wohnhaeuser der Schwarzen), wo sich die Haeuser der Kolonisten befinden, welche die landwirtschaftlichen Arbeitskraefte vorstellen; im Gegensatz hierzu wohnt der Besitzer nicht selbst auf dem Guetern, wo man sich mit Viehzucht beschaeftigt, die Haeuser der Kolonisten liegen laengs der Felder und Weideplaetze verstreut, deren Abgrenzung zur Verhuetung von Verlusten von Vieh das schwierigste Problem bildet, so dass man das Gut gewoehnlich durch Wasserlaeufer, Zaeune und Graeben umgrenzt.

Ein anderer Vertreter, ein wichtiger Typus, ist der dem Gutsherrn sehr naehestehende Kolonist, welchen der Verfaesser jetzt untersucht; er hebt hervor, dass er mit Gewinnbeteiligung an der Ernte arbeitet aber trotzdem unbestaendig ist und herumzieht, bis er Besitzer eines kleinen Eigentums geworden ist, wo er dann verwurzelt.

Er zeigt dann den Einfluss des Gutes auf die Bildung von Staedten auf: der Gutsherr schenkt den kirchlichen Vertretern Gebietelle, wo die Kirche erbaut wird, um welche sich, nach und nach, wie um einen Kern herum, Gutshaeuser und Geschaeftshaeuser erheben, bis sich das Stadtbild herauschaelt, wo in seinem Anfangsstadium das sonntaegliche Leben am meisten hervortritt, weil die sonntaegliche Messe den Mittelpunkt des Verkehrs am Orte bildet.

Er betrachtet dann den "mascate", einen anderen typischen Vertreter, den Hauseirer, der als Nomade Waren im Innern des Landes kauft und verkauft, wobei er riesige Strecken zuruecklegt und bis in spaerlich besiedelte Gebiete vordringt; er erwaehnt drei "mascate"-Bewegungen: die Bahianer (Staat Baía), waehrend der Kolonialzeit; die Italiener, welche von 1880 an, vor allem beim Einsetzen der Kaffekultur auf den Guetern in São Paulo, aus Kalabrien kamen; die Syrier, welche heute vorherrschen und ueber das ganze Land verstreut sind.

Neben dem Gutsbesitzer, dem Kolonisten und dem Hausierer, die er als Vertreter des erschlossenen Innern betrachtet, untersucht der Verfaesser dann den "caboclo" oder "caipira", einen interessantes Vertreter des noch wenig erschlossenen Innern, der abseits jeder wirtschaftlichen Taetigkeit lebt, genau genommen: abgeschlossen, fern der Zivilisation; er ist ein Mischling, in welchem weisses, indianer- und negerblut in verschiedener Zusammensetzung sich mischten; er lebt einfach und frei, ernaeht sich von den Erzeugnissen, welche er anbaut oder die ihm Wald und Busch bieten, einige Stunden Arbeit schaffen ihm den Lebensunterhalt fuer eine Woche, er hat keine Beduerfnisse, lebt fern von wirtschaftlicher Betaetigung und ist doch keineswegs elend, sondern vielmehr ein Weltweiser, ein Musiker, ein Taenzer und vor allem ein Erzaehler.

Der "caçara" ist eine Art Kuestenhinterwaeldler, er lebt fuer sich, gewinnt aus dem Merre und den Waeldern an der Kueste Fische und Fruechte, die ihm ebenso wie die Ertraegnisse einer recht primitiven Landwirtschaft als Nahrung dienen; die "caçaras" leben in Doerfern mit 8 bis 10 Familien, wenn der Ertrag des Fischnetzes dies gestattet.

Ferner untersucht der Verfasser einen Typ der Staedte, den Arbeiter, dessen Zahl in Anbetracht des Anwachsens der Industrie im Lande beträchtlich ist; er unterzieht den Einfluss des auslaendischen Arbeiters einer Untersuchung, der viel Gewicht auf seine Wohnung legt und erkluert, dass das Arbeitssystem des Landes ihm zusage, weil es hier im Lande keine sozialen Konflikte gebe; er unterstreicht den Gesellschaftsgeist, weniger aus Gruenden der Notwendigkeit sozialen Zusammenschlusses als um des Vergnuegens willen und erwaehnt die nicht zusammengeschlossenen Arbeiter und ihre interessanten Wohnungen auf "favelas", d. h. Huegel ohne Strassen, wo sie auf leeren Grundstuecken ihre plumpen Huettten erstellen, die aus Stangen und Zinkblechen bestehen, und von wo aus sie eine herrliche Aussicht haben und eine angenehme Temperatur geniessen.

Der Verfasser schliesst seine Untersuchung ueber den brasilianischen Menschen und betrachtet seine ethnische Beschaffenheit; er hebt hervor, dass die Mehrzahl der Bewohner Brasiliens Weisses seien, was in keinem tropischen Lande sonst zutrefte; er erkluert den geringen Einfluss, welchen die Eingeborenen ausgeuebt haetten, durch die Tatsache, dass sie wenig zahlreich und Nomaden sind; er rechtfertigt die Tatsache, dass sich die Weissenhaeufigkeit zusaetzlich, vor allem nach der Ankunft von Bewohnern der Azoren und der Kap Verdischen Inseln, welche als ausserordentlich fruchtbar bekannt und an ein strenges Klima gewohnt sind und deren niedriges Lebensniveau alle Beruehrungsmoeglichkeiten und alle Wechselbeziehungen gestattete; er erwaehnt ferner die Zahl von europaeischen Einwanderern, welche, von 1822 bis 1832 4.300.000 erreichte; er schliesst mit der Angabe dass Brasilien 80% Weisses unter seiner Bevoelkerung besitzt (augenblicklich ueber 40 Millionen), dass es das bedeutendste Land der Tropen mit weisser Bevoelkerung ist, dass es die beiden einzigen tropischen Staedte (Rio de Janeiro und São Paulo) besitzt, die von mehr als 1 Million Weisses bewohnt werden und dass Brasilien der beste Beweis fuer die Anpassung der weissen Rasse in einem tropischen Lande sein.

Der Verfasser beschreibt dann im folgenden Kapitel seiner Monographie, in welcher er sich mit dem Studium der grossen brasilianischen Staedte beschaeftigt, Rio de Janeiro und São Paulo.

Wes Rio de Janeiro, die Hauptstadt des Landes anbelangt, so beginnt er mit einer Untersuchung seiner Lage, wobei er den Einfluss der oertlichen Gelaendebeschaffenheit hervorhebt, die der Stadt durch die Tatsache, dass sich inmitten kleiner, langgestreckter Ebenen hohe Bergmassive erheben, einen eigentuemlichen Charakter verleiht. Er geht dann dazu ueber, die Stadt zu bestimmen, betrachtet sie aber nicht unter dem Gesichtspunkt einer "an einer Bucht gelegenen Stadt", wie man vermuten koennte, da sie die herrliche "Guanabara-Bucht" umgibt, sondern er definiert Rio de Janeiro: 1. als eine "Wallstadt", welche zu Fussenden der maechtigen und hohen Gebirgspfeiler eine Laengenentwicklung genommen hat; 2. als eine "Kap-Stadt", weil die Gebirgspfeiler bis zum Merre reichen, wo sich die Stadt-viertel laengs des Strandes fortsetzen, so dass die Stadt nicht wie grosse Staedte gemeinhin Sternform sondern eine langgestraeckte Form aufweist, was ungewoehnlich ist; 3. als eine "auf einer Halbinsel gelegene Stadt", da sie vom Meer, von der Bucht, dem Gebirge und dem Sumpfgelaende eingeschlossen ist, was einer Isolierung mit weitgehenden Folgen gleichkommt.

Er betrachtet dann im einzelnen die staedtische Entwicklung: die Arbeiten und Bemuehungen, welche unternommen wurden, um der Ueberschwemmungen der Ebenen an Tagen wolkenbruchartiger Regen Herr zu werden; die Schaffung zweier ebener Raeeume durch Aufschuetung wasserueberfluteter Gebiete mit der Erde abgetragenen Huegel, die Eroberung in kleineren Masse von gebirgigem Gelaende, wo gewoehnlich arme Leute ihre formlosen, primitiven Behaueungen erbauten, deren Gesamtheit den Namen "favela" traegt.

Er zieht dann die Wohnungen in den Kreis seiner Betrachtungen, und unterstreicht die in den letzten Jahren immer mehr sich entwickelnde Errichtung von Wolkenkratzen; ferner erwaehnt er, dass auf die Bedeutung des Windes selbst mehr Ruecksicht genommen worden sei als auf die gute Durchsonnung der Wohnungen.

Er untersucht dann das wichtige Verkehrsproblem: Im Hinblick auf den staedtischen Verkehr rueckt er die durch die Gelaendebeschaffenheit bedingten Schwierigkeiten ins richtige Licht, die zu Durchstichen und Gegenden, wo sich der Verkehr im Uebermasse zusammenballt, gefuehrt haben; was den Verkehr mit dem Innern des Landes angeht, stellt er fest, dass die Scheanke der "Serra do Mar" (Merrgebirge) der Einrichtung ertragversprechender Eisenbahnlilien und Landstrassen hinderlich ist.

Er untersucht dann das umfangreiche Problem der Nahrungszufuhr fuer eine Stadt von annaeherd 1.700.000 Einwohnern; er zeigt auf, wie Fleisch und Milch, die aus dem Innern kommen, ueber reisige Strecken herangebracht werden muessen; er unterstreicht, dass die Stadt eigene Hilfsquellen nicht besitzt, und dass ihr Einfluss auf die in den benachbarten Gebirgsgegenden gelegenen Staedte sich bemerkbar macht, wo man schon mit vielversprechendem Gemuesenbau begonnen hat (Petropolis, Terzopolis, usw.).

Er schliesst seine Betrachtungen ueber Rio de Janeiro mit der Bemerkung, dass es eine staedtische Hochleistung vorstelle.

Im folgenden untersucht der Verfasser die Stadt São Paulo, die zweite grosse Stadt Brasiliens, die Hauptstadt des Staates São Paulo, welche im Innern gelegen ist und eine Bevoelkerung von etwa 1.200.000 Seelen aufweist.

Zunaechst erlaeuert er die Lage der Stadt auf einer Hochebene, nach Ueberwindung der Schranke der Serra do Mar, auf einer Hoehenlage von 700 bis 900 Metern; er spricht ueber das sanftgewellte Gelaende und zeigt, dass das Klima streng ist als ein Hoehenklima, in welchem Dunstbildung und hohe Niederschlagsmenge ebenso wie staendiger Nebel zu beobachten sind.

Er geht dann auf die Entwicklung der Stadt ein, wobei er sagt, dass die Ueberwindung der Gebirgsschranke dadurch erleichtert ist, dass sie sich, auf etwa 800 m Hoeh, in einer Mulde des Gebirges befindet; er erwaehnt noch, dass die Kueste hier sehr nahe ist; der Strand reicht beinahe bis an den Fuss des Gebirges heran.

Er erwaehnt die bedeutende Rolle, welche die Stadt im Hinblick auf die Erschliessung des Innern gespielt habe als "boca de sertão" (Mund des wilden Busches), als Muendung der Wildnis, durch die die Kolonisten hindurchzogen auf ihrem Eroberungszug ins Innere der brasilianischen Hochebene. "São Paulo ist die Stadt, welche Brasiliens Innere erschlossen hat", sagt der Verfasser.

Dann untersucht er die Rolle São Paulo, was den Einfluss Europas auf die brasilianische Bevoelkerung angeht, im Zusammenhang mit der europaeischen Einwandererwelle, welche sich im XIX. Jahrhundert als Ausgleich gegenueber der afrikanischen Einwanderung im XVIII. Jahrhundert bemerkbar gemacht hat, welche letztere in der Hauptsache auf das Kuestengebiet beschaenkt blieb.

Er hebt ferner die Bedeutung São Paulo fuer die Entwicklung der Industrie im Lande hervor: heute besitzt die Stadt den wichtigsten Industriepark Suedamerikas.

Er zeigt die Entwicklung der Nahrungsmittelerzeugung, vor allem des Gemuesebaues, mitten in der Stadt auf.

Er endigt mit der Behauptung, dass São Paulo, ebenso wie Rio de Janeiro, eine staedtische Hochleistung vorstelle, da gewaltige menschliche Anstrengungen den Fortschritt der Stadt bewirkt haetten; schliesslich sagt er, "São Paulo gehore in erster Linie der Reihe der Staedte an, welche als Kraeftezentren anzusprechen seien".

La nuna numero de nia Revuo daŭrigas la publikigon de la monografio pri la Homa Geografio de Brazilo ellaborita de la eminenta Prof. P. Deffontaines, de la Universitato de la Federacia Distrikto, lokita en Rio-de Janeiro.

Nun aperas du pliaj ĉapitroj, la dua ĉapitro, kiu studas la homkvanton kaj ties disdividon kaj la tria ĉapitro, kiu studas la urbojn Rio-de-Janeiro kaj S. Paŭlo.

Ĉe la studo pri la homkvanto, konsiderinte la brazilan loĝantaron, kies oficialajn valorojn je la 31a de decembro 1938 enhavas la tabelo ankaŭ aperanta en tiu ĉi numero, la aŭtoro elstarigas du koncentriĝojn, tiun de la marborda regiono, la unua civilizita en la lando, kie disvolviĝis antikva terkultura esplorado; la centra zono de Ŝtatoj Minas Gerais kaj S. Paŭlo, kie la ekstrakto de metaloj kaj multekostaj ŝtonoj de la komenco altiris nombran loĝantaron, kiu poste ankaŭ sin dediĉis al la intensa terkultura esplorado.

Li distingas ĉe la brazilaj loĝatigo diversajn demografiajn formojn: la loĝatigon de Minas Gerais, antikvan, je rapida kaj natura kreskado; tiun de Nordoriento, je kreskado malpli rapida pro la elmigrado kaŭzita de la grandaj senpluvecoj; tiun de la sudaj zonoj, en Ŝtatoj S. Paŭlo, Paraná, S. Catarina, Rio Grande do Sul, kies milda klimato kaj produktema grundo faciligis treege rapidan kreskadon, kiu ankaŭ rezultis el granda superfluo de naciaj kaj eksterlandaj enmigrantoj; la maldensan kaj malgrandevoluan loĝatigon en la centraj regionoj de la lando, Ŝtatoj Mato Grosso, Goiaz, Amazonas; tiun de la marborda zono, en kiu flanke de la starigo de grandaj urbaj homamasigoj ankaŭ okazas la senloĝatigo de la kamparoj kaj de malgrandaj lokoj.

Poste la aŭtoro certigas, ke la homa difino de regiono estas donata, ne tion de la dis de la loĝantaro aŭ de la rasa disdivido, sed precipe de la serĉesplorado de la vivspekaro, kies intima kunligiteco certigas la esplradon de la grundo; el tio elmontriĝas la graveco de la studo pri la persono-tipoj, kiujn li tuj ekzamenos.

La konsideras en Brazilo kiel plinfluan personon — la farmulon —, posedanton de farmbieno aŭ granda tero, kaj reliefigas, kiel en Brazilo, tro vasta lando kaj kun malgrandega demografia denseco, estas la priokupo pri aĉeto de teroj, el kiuj malmultegaj estas disponeblaj. Poste li studas la farmbienojn, montrante la originalecon poi tro, ke en Brazilo estas malsamaj la du farmbrenojn tipoj, tiu de plantado kaj tiu de bestedukado, la unua ofta ĉe la marborda zono kaj la dua ĉe la centra zono de la lando: la farmbieno por plantado konsistas el tri elementoj — lo unua, la farmdono, la „casa grande” (granda domo), ordinare luksa, la dua, la „korto”, teraso por la sekigo de kafo aŭ plibonigo de la produktoj, la tria, la „senzala” (eksklavloĝejo), kie amasiĝas la domoj de la kolonianoj (terkulturistoj), el kiuj konsistas la terkultura manlaboro; en la farmbieno por bestedukado, kontraŭe, ne loĝas la posedanto kaj la domoj de la kolonianoj estas apartigitaj unuj de la aliaj laŭlonge de la kampoj kaj paŝtejoj, kies limigado por eviti la forkuron de la brutaro estas la plej grava problemo, kaj la farmbieno estas ĝenerale limigita per fluantaj akvaroj, plekto-bariloj, longfosajoj.

Alia grava persono-tipo, intime ligita al la farmbieno, estas — la koloniano — (terkulturisto), kiun la aŭtoro studas reliefigante la laborreĝimon kun partigo ĉe la rikolto kaj la nestaremece de la koloniano, kiu estas nomada ĝis li fariĝis posedanto de bieneto, en kiun li tiam enradikiĝas.

Li montras la influon de la farmbieno sur la urbafondon: la farmulo fordonas al la ekleziaj aŭtoritatuloj terenon, kie tiu ĉi konstruas preĝejon, veran ĝermon ĉirkaŭ kiu, iom post iom, estas konstruataj farmulaj kaj komercaj demoj, ĝis la formiĝo de urba homamaso, kiu, ĉe sia komenca fazo, havas reĝimon de dimanĉa vivo, ĉar la dimanĉa meso estas la difinilo de la loka movado.

Poste li studas alian persono-tipon — la „mascate” (maskati) (kolportiston) — lokŝanĝan vendiston, nomadan, kiu vendas kaj aĉetas komercaĵojn en la internlando, trairante longajn distancojn kaj malmulteloĝataj lokoj; li citas la tri ondojn de kolportistoj: la baianoj (el Ŝtato Baía) ĉe la kolonia periodo;

al italoj, venintaj precipe de Kalabrio, depost 1880, dum la koloniiga movado de la kaffarmuloj en S. Paŭlo; la sirianoj, kiuj nun estas multnombraj kaj ekzistas en ĉiuj lokoj.

Krom la farmulo, la koloniano kaj la kolportisto, kiujn li konsideras kiel persono-tipojn de la organizita internlando, la aŭtoro faras studon pri la „caboclo” (kaboklu) au „caipira” (kajpira), interesa enlanda elemento, kiu vivas preter la ekonomia vivo, kvazaŭ izolita, malproksime de la civilizitaj zonoj: mestizo, en li la blanka, la indiĝena kaj la nigra sangoj miksiĝas je variitaj proporcioj; li vivas simple kaj libere, sin nutras per produktoj, kiujn li plantas aŭ eltiras el la arbetaro aŭ el la arbaro, en kelkaj laborhoroj por semajno li certigas sian nutradon, ne sentas necesbezonojn, vivas ekster la ekonomia aktiveco, ne estas mizera, sed kontraŭe meditema, muzukisto, dancisto, kaj, precipe, rakontisto.

La „caçara” (kaisara) estas tipo de marborda „caboclo”, li vivas por si, eltirante el la maro kaj el la marborda arbaro fiŝojn kaj fruktojn, per kiuj li sin nutras, krom la produktoj de elementa terkulturo; ili vivas en vilaĝoj, kun 8 aŭ 10 familioj, laŭ la neceso por manuzo de la fiŝkaptada reto.

La aŭtoro ankaŭ studas urban persono-ripon — la metiiston —, kies nombro estas konsiderinda pro la granda industria disvastigo en la lando: li konsideras la influon de la eksterlanda metiisto, kiu multe sin priokupas pri la loĝejo, deklaras, ke la nuna laborreĝimo sufiĉas, ĉar en la lando ne okazas sociaj konfliktoj, reliefigas lian societeman spiriton, ne pro klasaj necesoj, sed pro amuziĝo; kaj pri la malpli organizitaj metiistoj li komentas la interesan loĝadon en „favelas”, montetoj sen stratrekliniigo, kie ili konstruas siajn krudajn domaĉoj per lignofostoj kaj ferlado, sur neokupitaj terenoj, de kie ili ĝuas agrablan temperaturon kaj belegan panoramon.

La aŭtoro finas sian studon pri la brazila homkvanto konsiderante ĝian rasan konsistigon; li reliefigas la grandan plimuĝton da blankuloj ĉe la loĝantaro de Brazilo, unika tropika lando, kie tio ĉi okazas; li klarigas la malgrandan influon de la indiĝenoj, praloĝantoj, pro tio, ke ili estas relative malmultenombraj kaj nomadaj; li pravigas la facilan mestiziĝon de la blankuloj, precipe post la veno de loĝintoj el Azoraj kaj Kapverdaj Insuloj, eksterordinare naskemaj, adaptitaj al malmilda klimato, kaj, kies malalta vivnivelo permesis ĉiujn sekskuniĝojn, ĉiujn asimilojn; li mencias la ondon da eŭropaj enmigrintoj, kiuj, de 1822 ĝis 1932, atingis la nombron 4.300.000; kaj li finas dirante, ke Brazilo posedas 80 % da blankuloj en sia loĝantaro (nun supera je 40.000.000), ke ĝi estas la plej grava tropiklando kun blanka loĝantaro, kiu posedas la du unikajn urbojn (Rio-de-Janeiro kaj S. Paŭlo) havantajn pli ol miliono da blankuloj kaj ke Brazilo estas la plej bona pruvo de adapto de la blanka raso al tropika lando.

Poste la aŭtoro komencas la ĉapitron de sia monografio, en kiu li studas la dugrandajn urbojn — Rio-de-Janeiro kaj S. Paŭlo.

Pri la urbo Rio-de-Janeiro, ĉefurbo de la lando, li komence studas ĝian situacion, reliefigante la influon de la loka topografio, kiu, konsistante el altaj masivoj meze de malgrandaj kaj longformaj ebenaĵoj, donas al la urbo specialan aspekton. La aŭtoro tuj difinas la urbon, kiun li konsideras ne kiel „havenurbon”, kiel oni povus pensi, pro tio, ke ĝi ĉirkaŭas la belan golfeton Guanabara, sed: 1) kiel „baraĵo-urbon”, kiu kreskis laŭ longformo, ĉe la malalta parto de la grandaj kaj altaj montarflankaj; 2) kiel „terkapo-urbon”, ĉar la montarflankaj atingas ĝis la maro, sin intersekvante la kvartaloj laulonge de la sablobordoj, tiamaniere ke la orbo ne estas stelforma kiel la grandaj urboj, sed sed liniforma, kio estas eksterordinara; 3) kiel „duoninsulo-urbon”, tial ke ĝin ĉirkaŭas la maro, la golfeto, la montero kaj la marĉo, kio kausas al ĝi izolecon je profundaj sekvoj.

Li analizas la urban konkeron: la laborojn kaj la klopodojn por venki al inundo de la ebenaĵoj dum la torentpluvaj tagoj; la konkeron de duobla ebenspacopere de la terplenigo de la maro per teroj el montreversiĝo; la konkreton de

la montaro, kie ĝenerale loĝas la malriĉularo, kiu konstruas krudajn domaĉojn, plej simplajn, kies arojn oni nomas „favela”.

Li priparolas pri la logejo kaj rimarkigas, ke nun la lastaj jaroj estis intensa la konstruado de „nubskrapuloj” kaj atentigas pri la graveco de l'vento, kiun oni taksas pli valora ol la propra sunsituacion de la loĝejoj

Li ekzamenas la gravan problemon de la komunikoj: pri la urbaj, li elstarigas la malfacilaĵojn truditajn de la loka topografio, kun devigaj transirejoj, lokoj de troa trafiko-koncentriĝo; pri la komunikoj al la internlando, li konsideras la krutaĵojn de la „Serra do Mar” (Marmontaro), kiu malebligas la establon de grandrentaj fervojoj kaj ŝoseoj.

Fine li studas la malsimplan problemon de la nutrado de la urbo, kie ekzistas ĉirkaŭ 1.700 000 loĝantoj: li montras kiel la viando kaj la lakto venas de la internlando, venkante grandegajn distancojn; li rimarkigas, ke la urbo ne havas proprajn vivrimedojn, kaj, mencias la influon de la urbo sur la proksimajn montarajn regionojn, kie jam komenciĝis interesa ĝardenkulturo (Petrópolis, Teresópolis, k.c.)

Li finas sian studon pri la urbo (Rio-de-Janeiro, konsiderante ĝin kiel eksterordinaran urban venkon.

Poste la aŭtoro studas la urbon S. Paŭlo, la duan grandan urbon en Brazilo, ĉefurbon de Ŝtato S. Paŭlo, lokitan en la internlando, kun loĝantaro de ĉirkaŭ 1.200.000 homojn.

Komence li komentas la ŭrsituacion, sur la plataĵo, post la krutaĵo de Serra do Mar, alta je ĉirkaŭ 700 ĝis 900 metroj; li klarigas la lokan topografion, ondolinian, kun mildaj varioj; li montras, ke ĝia klimato estas severa, „montarsupra” klimato, kun intensaj nebuleco kaj pluvemeco kaj ofta nebulo.

Li klarigas la urboformadon precipe pro tio, ke ĝi staras sur konjavajo de la Serra do Mar, alta je ĉirkaŭ 800 metroj, kio faciligas la konkeron de la krutaĵo de la alta montaro; kaj montras, ke la marbordo en tiu punkto estas tre proksima, la sablobordo preskaŭ limtuŝas kun la montaro.

Li reliefigas la gravan funkcion, kiun plenumis la urbo ĉe la konkero de la interno de Brazilo, kiel unua „boca do sertão” (buŝo de la internlando), tra kie pasis la kolonianoj, kiuj ekposedis la brazilan plataĵon. „S. Paŭlo estas la urbo, kiu faris la „internan Brazilon”, diras la aŭtoro.

Poste li studas la influon de S. Paŭlo sur la eŭropigon de la brazila loĝantaro, dank' al la alfluo de eŭropaj enmigrintoj, kiun ĝi iniciatis ekde la 19a jarcento, kontraŭmetita kontraŭ la afrika alfluo ja la 18a jarcento, lokita precipe ĉe la morbordo.

Li reliefigas la rolon de S. Paŭlo ĉe la disvolviĝo de la landa industrio, kiu nun posedas la plej gravan industrian parkon en la Sudameriko.

Li montras la disvolviĝon en la propra urbo de la produktado de nutraĵoj, precipe tiujn de la ĝardenkulturo.

Finante li diras, ke, kiel Rio-de-Janeiro, ankaŭ S. Paŭlo reprezentas urban venkon, ĉar ĉe la urba evoluo estas koma klopodo, kaj asertas, ke „S. Paŭlo apartenas algrade al la familio de la energiaj urboj.